

**Gonçalo Filipe Miranda Pires**

**INFLUÊNCIA DO DESENHO DO ESPAÇO PÚBLICO NA ATIVAÇÃO  
SOCIAL DE ZONAS DEGRADADAS DA CIDADE.**

**FAZER LUGAR NO CENTRO HISTÓRICO DO PORTO.**

Universidade Lusófona do Porto

Faculdade de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação

Porto

2013

**Gonçalo Filipe Miranda Pires**

**INFLUÊNCIA DO DESENHO DO ESPAÇO PÚBLICO NA ATIVAÇÃO  
SOCIAL DE ZONAS DEGRADADAS DA CIDADE.**

**FAZER LUGAR NO CENTRO HISTÓRICO DO PORTO.**

Dissertação apresentada na Universidade Lusófona do Porto para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

Orientadora científica: Prof. Doutora Ligia Paula S. E. Nunes Pereira Da Silva

Universidade Lusófona do Porto

Faculdade de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação

Porto

2013



## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, pelo trabalho, esforço, educação e paciência.

As minhas irmãs, cunhados e sobrinhos, pelo apoio incondicional, à Celsa pela ajuda e tempo investido.

Aos meus amigos, por estarem disponíveis para ouvir e por não deixarem de o ser.

Aos professores que me acompanharam, em particular as professoras Ana Paula de Nápoles, Dulce Marques de Almeida e a orientadora Lúcia Nunes, sem as quais este trabalho seria irrealizável.

Finalmente, a ti, Marisa, pelo amor, companheirismo, paciência e ajuda.

A todos, Muito Obrigado.



## ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	I
ÍNDICE.....	III
ÍNDICE DE IMAGENS.....	IV
RESUMO.....	IX
ABSTRACT.....	XI
LISTA DE ABREVIATURAS.....	XIII
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO.....	17
1.1 Enquadramento e Justificação do Tema.....	17
1.2 Estado da Arte.....	20
1.3 Objetivos .....	27
1.4 Estrutura do Trabalho.....	28
1.5 Metodologia.....	29
CAPÍTULO II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	33
2.1 Placemaking, Definição e Origens.....	33
2.2 Critérios para Espaços Públicos de Sucesso.....	34
2.3 Estratégias para Espaços Públicos de Sucesso.....	40
2.4 “Social Life of Small Urban Spaces” .....	46
2.5 Morfologia e Socialização. Desenhar para as Pessoas.....	50
CAPÍTULO III– ANÁLISE DE CASO.....	65
3.1 Composição do Estudo.....	65
3.2 Análise Morfológica dos Parâmetros.....	70
Caso de estudo 1 – Quarteirão das Cardosas.....	72
Caso de estudo 2 – Praça de Lisboa.....	72
Caso de estudo 3 – Rua de Santa Catarina.....	74
Caso de estudo 4 – Rua das Galerias de Paris.....	74
Caso de estudo 5 – Largo do Moinho de Vento.....	74
Caso de estudo 6 – de Mompilher.....	74
3.2 Análise Comparada da Ocupação. ....	76

Casos de estudo 1 e 2.....	76
Casos de estudo 3 e 4.....	78
Casos de estudo 5 e 6.....	80
CAPÍTULO IV – ANÁLISE E DISCUÇÃO DE RESULTADOS.....	85
4.1 Análise dos Resultados do estudo Morfológico.....	85
4.2 Análise dos Resultados.....	86
4.3 Discussão de Resultados.....	87
CAPÍTULO V – PROPOSTA DE PROJETO.....	91

## ÍNDICE DE IMAGENS

### CAPITULO I

Figura I - 01 - Sobreposições Plantas do Porto entre 1948 e 1992 (OLIVEIRA, 2013)	18
Figura I - 02 - Três Principais Intervenções no Centro.	19
Figura I - 03 - Avenida Madison, NY, Influência do Movimento Moderno	21
Figura I - 04 - Natural Surveillance	21
Figura I - 05 - Olhos nas Ruas	21
Figura I - 06 - Mapa Axial de Brasília	23
Figura I - 07 - Placemaking and the Future of Cities	25

### CAPITULO II

Figura II - 01 - A Ter em Conta para “Fazer Lugar” Segundo Fred Kent	33
Figura II - 02 - Parque Superlink - BIG	35
Figura II - 03 - Renovação do Parque Industrial de Tianjin, Cina	37
Figura II - 04 - Renovação do Parque Industrial de Tianjin, Cina	37
Figura II - 05 - Renovação do Parque Industrial de Tianjin, Cina	37
Figura II - 06 - Parque Superlink - BIG	39
Figura II - 07 - Parque Superlink - BIG	39

Figura II - 08 - SESC - Lina Bo Bardi	39
Figura II - 09 - SESC - Lina Bo Bardi	39
Figura II - 10 - Incluir a Comunidade e Potenciais Parceiros no Processo	43
Figura II - 11 - Pequenas Mudanças, Grandes Melhorias	43
Figura II - 12 - O Dinheiro não é Obstáculo	43
Figura II - 13 - William H. Whyte, “Social Life of Small Urban Spaces”	45
Figura II - 14 - Praça Seagram's, Estudada no TSLP.	47
Figura II - 15 - Avenida dos Aliados, Porto	51
Figura II - 16 - Parque Palay, NY	51
Figura II - 17 - Diferentes Formas de Sentar (no Porto)	53
Figura II - 18 - Diferentes Formas de Sentar (no Porto)	54
Figura II - 19 - Diferentes Formas de Sentar (Seagram's, NY)	54
Figura II - 20 - Liberdade de Escolha ao Sentar	55
Figura II - 21 - Liberdade de Escolha ao Sentar (Porto)	55
Figura II - 22 - Jogos de Luz Refletida (Parque Paley, NY)	57
Figura II - 23 - Liberdade de Escolha, Sol ou Sombra	57
Figura II - 24 - Conforto da Copa das Árvores (Aliados, Porto)	59
Figura II - 25 - A Importância da Água (Parque Paley, NY)	59
Figura II - 26 - Efeito Aglutinador dos Bares das Galerias de Paris (Porto)	59
Figura II - 27 - Escultura Atrai Curiosos e Pontua o Espaço (Bilbao)	61
Figura II - 28 - Escultura Atrai Crianças (Coimbra)	61
Figura II - 29 - Animação de Rua (Avenida dos Aliados, Porto)	61
Figura II - 30 - Dinamizar a Rua (Galerias de Paris, Porto)	59
Figura II - 31 - A rua e a Comunidade	59
CAPITULO III	
Figura III - 01 - Localização, Centro Histórico do Porto	63
Figura III - 02 - Localização e Identificação dos Espaços em Análise	63
Figura III - 03 - Quarteirão das Cardosas, Caso de Estudo 1	67

Figura III - 04 - Quarteirão da Praça de Lisboa, Caso de Estudo 2	67
Figura III - 05 - Rua de Santa Catarina, Caso de Estudo 3	68
Figura III - 06 - Rua das Galerias de Paris, Caso de Estudo 4	68
Figura III - 07 - Largo de Mompilher, Caso de Estudo 5	69
Figura III - 08 - Largo do Moinho de Vento, Caso de Estudo 6	69
Figura III - 09 - Quarteirão das Cardosas, Caso de Estudo 1	73
Figura III - 10 - Quarteirão da Praça de Lisboa, Caso de Estudo 2	73
Figura III - 11 - Rua de Santa Catarina, Caso de Estudo 3	75
Figura III - 12 - Rua das Galerias de Paris, Caso de Estudo 4	75
Figura III - 13 - Largo de Mompilher, Caso de Estudo 5	75
Figura III - 14 - Largo do Moinho de Vento, Caso de Estudo 6	75
Figura III - 15 - Padrão de Ocupação Tipo, ao Longo do Dia (CE 1 e 2)	76
Figura III - 16 - Progressão da Ocupação ao Longo do Dia (CE 1 e 2)	77
Figura III - 17 - Padrão de Ocupação Tipo, ao Longo do Dia (CE 3 e 4)	78
Figura III - 18 - Progressão da Ocupação ao Longo do Dia (CE 3 e 4)	79
Figura III - 19 - Padrão de Ocupação Tipo, ao Longo do Dia (CE 5 e 6)	80
Figura III - 20 - Progressão da Ocupação ao Longo do Dia (CE 5 e 6)	81
CAPITULO V	
Figura V - 01 - Planta de Localização – CHP, Quarteirão das Camélias	91
Figura V - 02 - Vista de rua do Quarteirão das Camélias	92
Figura V - 03 - Vista de rua do Quarteirão das Camélias	92
Figura V - 04 - Planta de Implantação, Quarteirão das Camélias	93
Figura V - 05 - Proposta Urbana	95
Figura V - 06 - Proposta Urbana, Área a Sul	97
Figura V - 07 - Proposta Urbana, Área a Sul	97
Figura V - 08 - Proposta Urbana, Área a Sul	97
Figura V - 09 - Proposta Urbana, Área a Sul, Sob o Viaduto	98

## RESUMO

Na cidade existem espaços públicos de sucesso, agradáveis e seguros, bem como espaços de menor sucesso, sempre vazios e que inspiram alguma insegurança. A falta de conhecimento específico sobre a natureza da relação entre organização espacial e as consequências nas interações sociais, é o principal obstáculo a uma melhor compreensão e *desenho* do espaço público.<sup>1</sup>

Este trabalho pretende contribuir para o entendimento da problemática e parametrização sistemática de ideias conducentes à revitalização do Centro Histórico do Porto, ao sintetizar e divulgar estratégias de ativação social de zonas degradadas, através do desenho do espaço público, e aplicando essas estratégias numa proposta de projeto para o Quarteirão das Camélias e a sua envolvente próxima.

Partindo da problemática da decadência social de algumas zonas da cidade, bem como as suas consequências, e com base nas principais correntes de pensamento sobre esta área de estudo, sistematiza-se um conjunto de critérios de sucesso para o espaço público. Os critérios propostos são aplicados a seis espaços públicos no Centro Histórico do Porto, processo que pretende salientar a abrangência e aplicabilidade dos mesmos. A investigação culmina na aplicação dos critérios, definidos anteriormente, numa proposta de projeto para o Quarteirão das Camélias e a sua envolvente, elaborada ao longo do ano letivo 2012/13, para as disciplinas de projeto III e IV.

Com este trabalho pretende-se ilustrar como a morfologia do espaço público é fundamental para a socialização e a qualidade de vida na cidade, sendo feito o enfoque sobre o(s) centro(s). O ato de projetar deve transcender a conceção arquitetónica do objeto (seja este edifício ou espaço público) e considerar a procura de soluções que promovam a qualidade social no desenho do espaço. Soluções cuja eficiência tem reflexos diretos na qualidade de vida e na utilização de recursos económicos e ambientais. O mesmo será dizer, impacto na sustentabilidade urbana.

**Palavras-chave:** Cidade | Espaço Público | Morfologia | Pessoas | Socialização

---

1 - Adaptação da frase: "A lack of understanding of the precise nature of the relation between spatial organization and social life is the chief obstacle to better design" (Hillier, B., Hanson, J., 1984: X)





## **ABSTRACT**

In the city there are successful, pleasant, and safe public spaces, as well as spaces that are always empty, unsuccessful, and inspire some insecurity. The lack of understanding of the precise nature of the relation between spatial organization and social life is the chief obstacle to the better understanding and design of public spaces (Hillier, B., Hanson, J., 1984: X)

This work aims to contribute to the understanding of the problem and systematic parameterization of ideas leading to the revitalization of the Historic Center of Porto, by synthesizing and disseminating strategies for social activation of degraded areas, through the design of public space, and applying these strategies in a project proposal for Quarteirão das Camélias and its immediate surroundings .

Inspired by the problem of social decay in some areas of the city, as well as its consequences, and based on the main currents of thought about this subject, this work systematizes a set of success criteria for the public space. The proposed criteria are applied to six public spaces of the Historic Center of Porto, a process that aims to highlight their scope and applicability. Culminating in the application of the criteria previously defined, this work presents a project proposal for Quarteirão das Camélias and its surroundings, developed during the school year 2012/13, for the disciplines design III and IV.

This work aims to illustrate how the morphology of public space is fundamental for socialization and quality of life in the city, with focus on the center(s). The act of designing must transcend the architectural concept of “object” (be it building or public space) and consider finding solutions that promote social quality in the design of space. Design, whose efficiency has direct impact on the quality of life and use of economic and environmental resources. That is to say, impact on urban sustainability.

**Keywords:** City | Public space | Spatial Configuration | People | Socialization



## **LISTA DE ABREVIATURAS**

AMP – Área Metropolitana do Porto

CIAM – Congresso Internacional de Arquitetura Moderna

CHP – Centro Histórico do Porto

CRUARB – Comissariado para a Renovação Urbana da Área Ribeira/Barredo

GIS – Sistema de Informação Geográfica

MIT – Instituto de Tecnologia de Massachusetts

NJ – Nova Jersey

TSLP – The Street Life Project

UCL – University College de Londres

PPS – Project for Public Spaces



## **CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO**

1.1 Enquadramento e Justificação do Tema

1.2 Estado da Arte

1.3 Objetivos

1.4 Estrutura do Trabalho

1.5 Metodologia



## **CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO**

### **1.1 Enquadramento e Justificação do Tema**

O presente trabalho corresponde à elaboração da Tese Final de Mestrado e aborda a relação entre morfologia urbana e socialização. O trabalho responde ao desafio de intervir numa parcela do Centro Histórico do Porto (CHP), lançado pelas disciplinas de Projeto III e IV, através da elaboração de uma proposta de projeto, para o Quarteirão das Camélias e a sua envolvente próxima, que consiga tornar esta área mais atrativa à fixação de novos residentes.

O Quarteirão das Camélias encontra-se inserido no CHP, partilhando dos seus problemas de desertificação. Assim, o problema particular de um quarteirão generaliza-se, dando lugar a um estudo mais abrangente sobre a influência da morfologia do espaço público na socialização.

O Centro Histórico do Porto encontra-se envelhecido e desertificado. Embora seja a imagem mais representativa da cidade, o centro apresenta problemas e disfunções que o tornam desagradável e pouco apelativo para habitar, abundando edifícios abandonados, comércio que encerra e ruas que ficam escuras, vazias e inseguras.

O problema do centro está na agenda política há bastante tempo, particularmente, entre 1974 e 2000, houve uma primeira intervenção da iniciativa do Comissariado para a Renovação Urbana da Área Ribeira/Barredo (CRUARB) que, entre outros, resultou na candidatura e aprovação, em 1996, do CHP a Património Cultural da Humanidade. Como resultado da nomeação para Capital Europeia da Cultura, aparece o organismo Porto 2001 que procura, através de intervenções culturais e arquitetónicas, devolver a cidade aos cidadãos. No entanto, as suas iniciativas foram, em muitos casos, desvirtuadas (LUZ, CARVALHO, 2011). Posteriormente, apareceu a iniciativa Porto Vivo, iniciada em 2004 e que continua ainda em atividade. Estas iniciativas procuram reabilitar parcelas do centro, através de intervenções quer no espaço público, em edifícios e quarteirões. No entanto, são muitos os problemas que persistem, pois são o reflexo de um problema maior de estratégias para a cidade.

O Porto tem seguido um movimento de expansão em direção às periferias que, depois da década de 60, “assume uma nova realidade que irá marcar toda a paisagem urbana(...) a construção de habitação social em altura”(Oliveira, 2013: 119), seguindo uma lógica de ordenamento muitas vezes apoiadas em princípios de intervenção do Movimento Moderno ou “falso moderno”, (para alcançar outros fins) e relegando para segundo plano as preocupações com o espaço urbano (Lopes, 2010: 75) a dimensão mais social e humana da arquitetura.

“Our interventions in the city can only be based on our understanding of the city. Where this understanding is deficient, the effects can be destructive.”<sup>2</sup> (Hillier, 1996: 135)

---

2 - A intervenção na cidade só pode ser baseada na nossa compreensão da própria cidade. Quando esta compreensão é deficiente os resultados podem ser destrutivos.

A relevância deste trabalho provém da atualidade do tema, pois, ao intervir no Quarteirão das Camélias com uma estratégia que procura **usar o espaço público como ativador social de zonas decadentes da cidade**, tenta lançar pistas para uma metodologia de intervenção no Centro Histórico e na restante cidade, mais adequada às necessidades das pessoas enquanto seres sociais e às suas expetativas de qualidade de vida.



Figura I - 01 - Sobreposições das Plantas do Porto entre 1948 e 1992  
(OLIVEIRA, 2013)



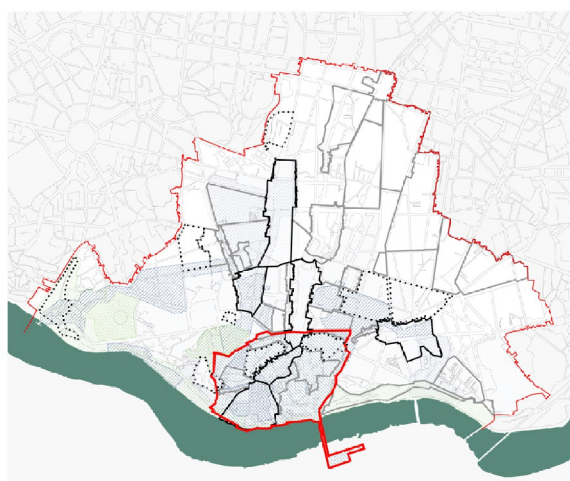
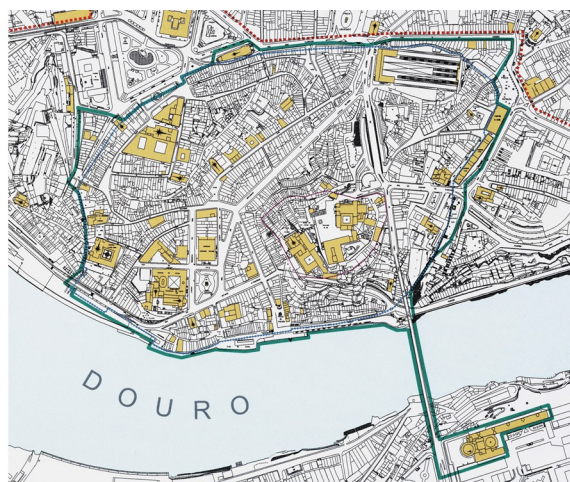


Figura I - 02 - Três Principais Intervenções no Centro, CRUARB, Porto 2001, Porto Vivo

## 1.2 Estado da Arte

Esta pesquisa bibliográfica tornou aparente que o Planeamento Urbano e a Arquitetura tiveram um interesse reduzido no entendimento da relação entre morfologia do espaço público e Socialização. Segundo Nigel Taylor, este pensamento só começou a estar mais presente a partir de Jane Jacobs na sociologia urbana (Jacobs, 1961), Robert Venturi na arquitetura (Venturi, 1966) e o despertar do pós-modernismo com o grupo inglês Team X, no IX CIAM (Taylor, 2003 : 17). De acordo com José Lamas, “as posições de então resumem-se à recusa da cidade moderna (...) e à denuncia da pobreza formal e social das produções urbanísticas”. A crítica ao urbanismo moderno “fez ressaltar inconvenientes vários, desde a segurança aos prejuízos psicológicos e sociais na população, nomeadamente na formação intelectual das crianças que habitavam longe do solo” (Lamas, 1992 : 385).

Nos anos 60, aparecem várias abordagens para tentar adaptar a cidade aos novos desafios. A recusa de formalismos e a exploração de metodologias científicas são um dos caminhos, outro é o da reintrodução dos conceitos de morfologia urbana e imagem da cidade, procurando ver a cidade do ponto de vista das pessoas que a utilizam, a aproximadamente 1,6 m de altura. Gordon Cullen incide nas sequências espaciais, a pequena escala e os seus pormenores, desde o mobiliário urbano aos pavimentos (Cullen, 1961), enquanto Kevin Lynch entre outros do MIT, se debruçam sobre o desenho e melhoria da imagem visual da cidade (Lynch, 1960).

Em “The Death and Life of Great American Cities” (Jacobs, 1961), Jane Jacobs propõe uma nova abordagem à forma como se pensa o desenho urbano, advogando que a melhor forma de promover a vitalidade social e económica das cidades se consegue através da observação das pessoas e dos espaços que estas frequentam. Ao rejeitar os fundamentos de um planeamento que assenta sobre princípios abstratos e pseudocientíficos, que não tentam “entender a intrincada ordem social e económica sob a aparente desordem das cidades” (Jacobs, 1961 : 14), a autora procura estabelecer um conjunto de estratégias para o planeamento das ruas, das quais a principal e mais conhecida é o conceito de “olhos na rua” (eyes on the streets), de que são exemplo, caricaturado, as Figuras I – 04 e 05. Quer seja real ou aparente, o principal problema das cidades é a insegurança, e a melhor maneira de a combater é manter muitas pessoas nas ruas, durante a maior parte do tempo. A ideia de manter olhos na rua e as restantes estratégias propostas por Jacobs vão no sentido de tornar a cidade mais segura, mais agradável e mais estimulante.

Uma crítica que se pode apontar ao trabalho de Jacobs será, como refere Christopher Alexander: “A crítica da Jacobs é excelente, mas, quando se leem as suas propostas concretas, tem-se a impressão de que o autor deseja que a grande cidade moderna seja uma mistura de Greenwich Village com uma pequena cidade italiana alcañorada numa colina e cheia de casas com fachadas estreitas e pessoas sentadas na rua” (Lamas, 1992 : 394). No entanto, é neste texto que se situa a origem da cidade pós-moderna.

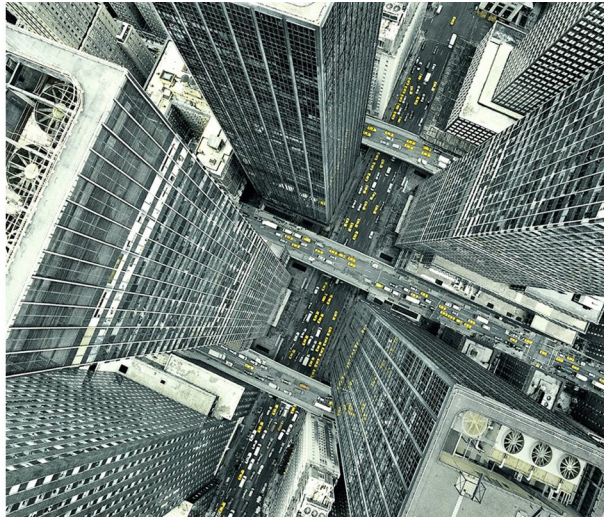


Figura I - 03 - Avenida Madison, NY, Influência do Movimento Moderno

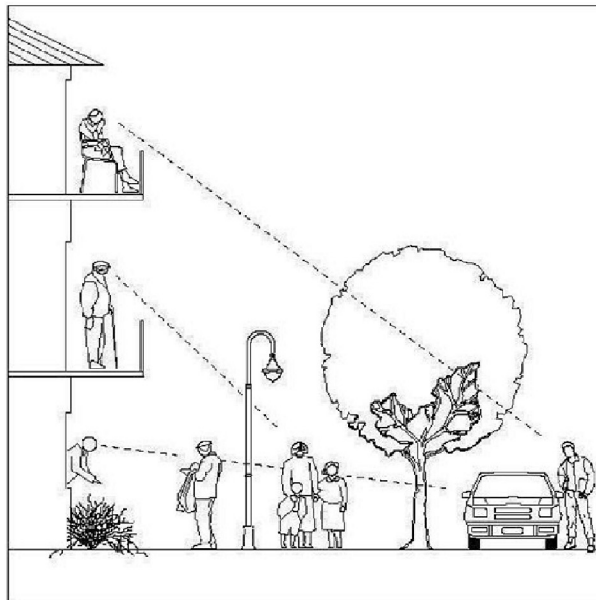


Figura I - 04 - Natural Surveillance



Figura I - 05 - Olhos nas Ruas

A obra de Jacobs influenciou um grande número de autores, como Oscar Newman, Raquel Ramati, Jan Gehl, Allan Jacobs (Porta 2001), mas também Sergio Porta ou Robert Venturi, tornando-se um clássico do urbanismo. Em Portugal, apesar do contexto político que se vivia, da “aparente «primavera marcelista»” (Gomes, 1995 : 547), há alguns arquitetos que sofrem influência exterior, das ideias pós-modernas, como Álvaro Siza, Manuel Vicente, Nuno Portas ou Tomás Taveira. Nuno Portas acaba por seguir a via científica e metodológica, encabeçada internacionalmente pelos arquitetos Leslie Martin e Christopher Alexander, publicando, em 1969, o livro “Cidade como Arquitectura” (Portas, 1969).

Martin e Alexander investigaram modelos dinâmicos adaptativos a realidades complexas e diversas. Com o pequeno texto “A cidade não é uma árvore”, em 1956, Alexander tenta sistematizar um método de chegar à “cidade natural”, (em oposição às simplificações da “cidade artificial”, moderna), com as características das cidades antigas, evidenciadas por Jacobs. No entanto, os trabalhos de William H. Whyte e Bill Hillier são de longe os mais promissores no estudo sistemático da relação entre morfologia e socialização. O que distingue estas metodologias das restantes é a sua abordagem de observação das pessoas em contexto real, em vez de conceber visões abstratas do que a vida deveria ser, e, embora partilhando de algumas ferramentas, partem de pressupostos opostos, propondo, cada uma delas, estabelecer novos paradigmas e correntes teóricas (Adkins, 2013: 4).

A teoria da Space Syntax, criada e desenvolvida por Bill Hillier e uma equipa de investigadores na University College em Londres (UCL), é apresentada pela primeira vez em “The Social Logic of Space” (Hillier, Hanson, 1984) e, mais tarde, aprofundada em “Space is the machine” (Hillier, 1996). A Space Syntax estuda a morfologia da cidade, principalmente, nas perspetivas da Conetividade, Integração e Permeabilidade, inerentes a cada malha urbana, conseguindo prever, com grande precisão, fatores como sucesso comercial, afluência de pessoas, crime e outros.

A inovadora abordagem matemática da Space Syntax apoia-se em sistemas de informação geográfica (GIS), como se pode ver na Figura I – 06, para representar e tentar explicar a dimensão social das malhas complexas das cidades, partindo da ideia de que os padrões espaciais contêm em si mesmos “informação social” (Hillier, 1984: XI). A grande vantagem de teoria da Space Syntax é poder testar em ambiente virtual as consequências de intervenções a grande e pequena escala, prevendo os efeitos no uso do espaço, na segurança ou nos fluxos pedonais.



Figura I - 06 - Mapa Axial de Brasília



Outra abordagem quantitativa, da relação entre morfologia do espaço e socialização, apareceu uns anos antes nos EUA, quando William H. Whyte foi mentor do “The Street Life Project” (TSLP), estudo iniciado em 1969, sobre os padrões de utilização pedestre de praças e outros espaços públicos em Nova Iorque. O estudo parte da observação do comportamento das pessoas em ambiente urbano, através de documentação em vídeo, contagem e tratamento estatístico, para perceber como é que estas utilizam os espaços e, em última análise, sintetizar princípios que orientem o desenho de novos espaços. O resultado das investigações de Whyte foi a publicação dos livros “The social Life of small urban Spaces” (Whyte, 1980) e “City: Rediscovering the center” (Whyte, 1988).

O conceito de desenhar espaços derivados da observação do comportamento real das pessoas veio mais tarde a ser chamado de “Fazer Lugar” (Placemaking) e influenciou o pensamento de diversos investigadores da cidade, incluindo a própria Jane Jacobs (enquanto editor da revista *Fortune*, Whyte possibilitou a investigação que levou Jacobs a escrever “Death and life of great american cities”). Paco Underhill aplicou a mesma metodologia na medição e melhoria de centros comerciais. Fred Kent trabalhou com Whyte e veio, mais tarde, a desenvolver o “Project for Public Spaces”.

Embora as metodologias de Whyte e Hillier sejam, aparentemente, concorrentes, na realidade, elas podem ser consideradas complementares. Pode dizer-se que, enquanto a Space Syntax procura compreender a cidade, para melhor a desenhar, o Placemaking procura compreender as pessoas, para depois, desenhar a cidade em função destas. A Space Syntax é mais adequada para a grande escala, a escala da cidade, procurando integrar melhor as diferentes áreas da mesma. O Placemaking é mais adequado a uma escala local, para criar bons espaços públicos, atrativos e acolhedores para as pessoas (Adkins, 2013: 4).

O interesse pelas questões associadas à morfologia urbana começou, recentemente, a ganhar maior relevância, o que é patente pelo crescente número de publicações sobre o tema, tais como as revistas “Urban Design International” (desde 1996), “Urban Morphology” (desde 1997), ou “Journal of Space Syntax” (2010) ou ainda a proliferação de grupos e redes de pesquisa, como o “International Seminar on Urban Form” e os seus grupos regionais Nórdico, Italiano e Português (Oliveira, 2013). Estes grupos estão mais próximos das metodologias e universo teórico da Space Syntax.

Em paralelo, surgiu em Nova Iorque, em 1975, a organização sem fins lucrativos “Project for Public Spaces” (PPS). Fundado por Fred Kent, um colaborador de Whyte no TSLP e, atualmente, um dos principais investigadores sobre vitalidade urbana e o futuro da cidade. O PPS é a principal entidade que reúne e divulga a abordagem de “fazer lugar” (apoiada na observação e contribuição dos utilizadores), inspirada em Jacobs e Whyte.

# Placemaking and the Future of Cities

DRAFT

Fall 2012

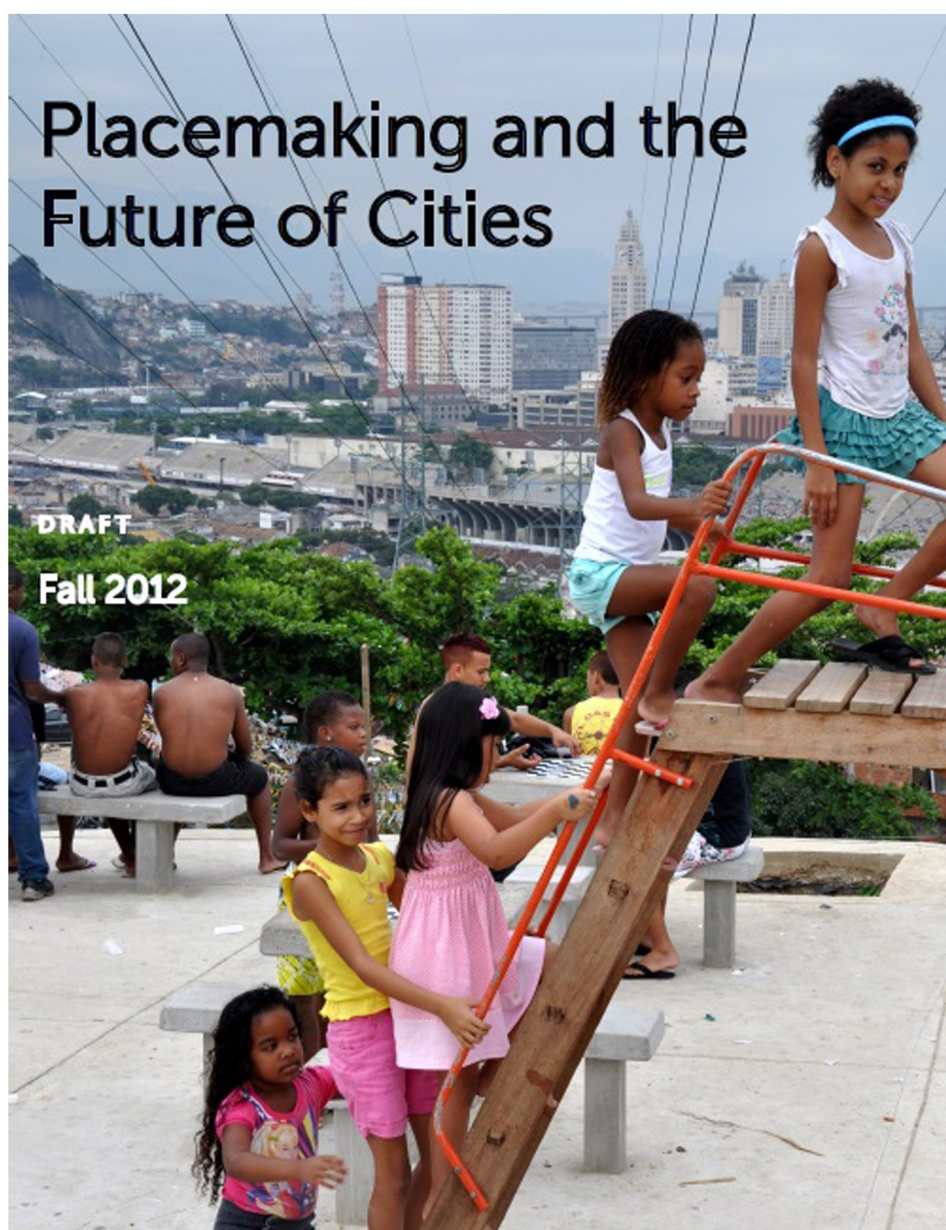


Figura I - 07 - Placemaking and the Future of Cities

“Fazer Lugar” é uma metodologia de atuação no espaço público que envolve a conceção, o desenho e a manutenção do espaço público, apoiado na participação ativa da comunidade, com o objetivo de gerar valor e espaços de qualidade. Embora a conceção e o desenho dos espaços sejam o que mais interessa para este trabalho, a abordagem de “fazer lugar” vai para além disso, podendo mesmo passar ao lado do desenho dos espaços, diretamente para a ativação das comunidades.

O PPS concentra colaboradores de diversas áreas. São disso exemplo pessoas como Rick Mariani, do departamento de trânsito de New Jersey (NJ), desde 1981, que colaborou diretamente no programa de revitalização de estações de comboio em NJ e , ou Lily Yeh, uma artista que começou, em 1989, por apanhar lixo e pintar alguns murais, numa zona degradada do norte de Philadelphia, e que, 20 anos depois, resultou no “bairro das artes e humanidades”.

O PPS permitiu também que, no campo da arquitetura e planeamento, houvesse uma reunião de massa crítica de autores que antes agiam isoladamente, mas com objetivos semelhantes. Fazem hoje parte da comunidade PPS autores como Christopher Alexander, Allan Jacobs, Donald Appleyard, Jan Gehl ou Lars Gemzoe.

Jan Gehl e Lars Gemzoe são arquitetos, consultores e professores de desenho urbano na Universidade de Arquitetura de Copenhaga (UAC). O estudo de 5 anos que Ghel iniciou, em 1966, sobre a forma e uso de espaço público, levou à publicação do seu livro “Life between the buildings” (Gehl, 1971), e em “Public space, public life” (Gehl, Gemzoe, 1996), Gehl e Gemzoe descrevem o modo como o somatório de pequenas melhorias, ao longo de 40 anos, conseguiram transformar Copenhaga , de uma cidade orientada para os carros, para uma cidade orientada para as pessoas. A intervenção inicial de Gehl na Stroget, permitiu criar a maior avenida pedonal de comércio da Europa. Ghel dedicou a sua carreira à compreensão e desenho do espaço público e o seu impacto nas pessoas. As diversas publicações ao longo dos anos, das quais “Cities for people” (Gehl, 2010) é o mais recente, permitem conhecer a sua pesquisa e metodologias de avaliação da qualidade do espaço público, discutindo como os fatores sensoriais afetam o uso do espaço, e como as suas recomendações afetam o desenho do espaço público.

O contacto com literatura sobre o tema permitiu constatar que a ideia de desenhar o espaço público para as pessoas não se encontra devidamente enraizada, de forma sistemática e consistente, na produção de profissionais da área, nem devidamente aprofundado no discurso académico. Hoje em dia, a produção de espaço público é ainda muito influenciada por paradigmas do século XIX e do Movimento Moderno, chegando a resultados esteticamente distintos e até tidos como bons exemplos de Arquitetura, mas que, com a utilização, se provam ineficientes e preteridos pelas pessoas. Particularmente na cidade do Porto, as intervenções de revitalização do centro encetadas ao longo das últimas décadas, têm produzido espaços que, em alguns casos, revelam resultados sociais e de utilização abaixo das expectativas.



### **1.3 Objetivos**

Perante a problemática anteriormente exposta, da necessidade de encontrar uma estratégia consistente de revitalização para uma parcela do Centro Histórico, e o estado da arte, do desenho em função das pessoas, determinam-se como objetivos para o trabalho:

1º, Sistematizar parâmetros de intervenção para o espaço público, que faça deste um ativador social de zonas decadentes da cidade.

2º, Verificar, no contexto da cidade do Porto, a aplicabilidade e atualidade dos parâmetros de intervenção sistematizados anteriormente.

3º, Desenvolver uma proposta de projeto, para o Quarteirão das Camélias e a sua envolvente próxima, derivada do estudo efetuado, que se constitua como um exemplo de ativação de uma zona decadente da cidade.

#### **1.4 Estrutura do Trabalho**

O presente trabalho desenvolve-se ao longo de seis capítulos, designadamente: o primeiro de introdução; o segundo de desenvolvimento teórico; o terceiro de análise de caso; o quarto de sistematização de resultados; o quinto de proposta de projeto; e um sexto de considerações finais.

No capítulo de introdução apresenta-se o estudo, dando a conhecer as suas problemáticas e o estado da arte sobre o tema, estabelecendo ainda, objetivos, uma metodologia e uma estrutura.

No capítulo de desenvolvimento teórico são apresentadas as atuais estratégias de “Fazer Lugar” (Placemaking), e as orientações para o desenho de espaços públicos, preconizadas por William H. Whyte, fruto da investigação do “The Street Life Project”.

No terceiro capítulo, de análise de caso, são analisados seis espaços públicos, na cidade do Porto, de acordo com os principais critérios para o desenho defendidos por Whyte, para perceber se os resultados apresentam consistência com os do estudo “The Street Life Project”.

No quarto capítulo é feita a análise e discussão de resultados da investigação teórica e da análise de caso.

No Quinto capítulo é apresentada uma proposta de projeto, para o Quarteirão das Camélias e para a sua envolvente próxima, que pretende ser um exemplo concreto da aplicação da estratégia de ativação social apresentada no capítulo anterior.

No capítulo final expõem-se as principais conclusões e considerações finais sobre o tema da estratégia de ativação social de zonas decadentes, através de intervenções no espaço público..

## **1.5 Metodologia**

O processo de recolha de informação documental para este trabalho, levou, num primeiro momento, à pesquisa de informação sobre as áreas de saber que estudem a relação entre morfologia urbana e socialização, num processo que implicou a visita de bibliotecas da especialidade e livrarias, assim como consultas on-line de vários documentos relevantes para o tema.

A fase de investigação desenvolveu-se em três momentos, nomeadamente: o trabalho de organização e arquivo da documentação; o trabalho de campo, em que foram analisados seis espaços públicos na cidade do Porto, a fim de verificar a universalidade e aplicabilidade dos parâmetros em estudo, no contexto da sociedade portuguesa; o tratamento de dados e síntese conclusiva, da qual resulta a estratégia para ativação social de zonas decadentes, através da intervenção no espaço público.

Por último, é elaborada uma proposta de projeto, para o Quarteirão da Camélias e envolvente próxima, desenvolvida de acordo com os princípios morfológicos estabelecidos anteriormente. Esta proposta pretende servir de exemplo, de aplicação prática, num contexto real, da estratégia desenvolvida no trabalho.

### **Fase de campo**

A fase de trabalho de campo consistiu na análise de seis espaços públicos no Centro Histórico do Porto, particularmente: o Quarteirão das Cardosas (caso de estudo 1); a Praça de Lisboa (caso de estudo 2); a Rua de Santa Catarina (caso de estudo 3); a Rua das Galerias (caso de estudo 4); o Largo do Moinho de Vento (caso de estudo 5); o Largo de Mompilher (caso de estudo 6). O objetivo desta fase do trabalho foi verificar se as formulações presentes na estratégia proposta apresentam resultados válidos no contexto da cidade do Porto em 2013. Se a correlação entre morfologia e socialização se verificar nestes espaços, pode assumir-se que os seus parâmetros são válidos, independente de fatores de contexto, e que terão maiores probabilidades de atingir o objetivo, de ativação social, pretendido.

#### **Desenho do Estudo**

O trabalho de campo consistiu na observação e documentação fotográfica dos espaços referidos anteriormente, desenvolvendo-se durante o período correspondente ao mês de Outubro, o que permitiu abarcar uma grande variedade de condições climáticas, desde dias de sol, até dias chuvosos e com temperaturas relativamente baixas. Os locais foram observados em dias de semana e de fim-de-semana, documentando todos os períodos do dia e abarcando uma multiplicidade de situações. Os elementos a observar no trabalho de campo são os padrões de ocupação e circulação nos espaços.

Numa fase seguinte, é feita aos espaços que constituem a amostra, uma análise morfológica e, posteriormente, uma comparação dos padrões de ocupação, aferindo a validade da hipótese em estudo. Esta metodologia é pertinente por partir da observação, em contexto real, do tipo de socialização que normalmente acontece nestes espaços, verificando se a relação entre morfologia e socialização se verifica.

#### Critérios de escolha da Amostra

Os espaços foram selecionados por se localizarem no Centro do Porto, partilhando um contexto de estudo semelhante entre si, e com a localização da proposta de projeto. Fazem parte da amostra dois quarteirões recentemente com intervenções recentes, duas ruas e duas praças. Estes espaços são exemplos construídos de diferentes tipos de espaço público e têm características que se pretendem incluir na estratégia para a proposta. Sendo comparáveis entre si, estes espaços têm algumas características morfológicas que os distinguem, bem como padrões de ocupação desfasados, possibilitando verificar se existe uma relação de causa e efeito entre forma e ocupação do espaço.

#### Método de Recolha

O método de recolha de dados é a observação no local com registo fotográfico e posterior tratamento de dados, feito em duas fases. Na primeira fase é feita uma análise morfológica, individualizada, de cada espaço, segundo os critérios que se propõe validar. Na segunda fase é feita uma análise estatística da ocupação dos espaços.

#### Validade e Fiabilidade

A validade do estudo é conseguida por este partir de uma observação e análise em contexto real com a duração de um mês, abarcando assim uma multiplicidade de variáveis climatéricas bem como de situações, o que minimiza a possibilidade de interferência desses fatores nos padrões de ocupação.

#### Limitações

As condicionantes deste estudo devem-se à limitação de meios e de tempo para a sua execução, assim como a uma amostra limitada no número de espaços, nas oportunidades de avaliar presencialmente e nas condições climatéricas, visto que só se avaliou no mês de Outubro.

## **CAPÍTULO II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

2.1 Placemaking, Definição e Origens

2.2 Critérios para Espaços Públicos de Sucesso

2.3 Estratégias para Espaços Públicos de Sucesso

2.4 “Social Life of Small Urban Spaces”

2.5 Morfologia e Socialização. Desenhar para as Pessoas



## CAPÍTULO II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Placemaking, Definição e Origens

“Placemaking is both an overarching idea and a hands-on tool for improving a neighborhood, city or region. It has the potential to be one of the most transformative ideas of this century.” (PPS, 2013)

De seguida serão apresentadas o conceito de “Placemaking” e a envolvente teórica em redor deste conceito. O desenvolvimento que se segue tem por base o site PPS.org<sup>3</sup>

O conceito de “Fazer Lugar” (Placemaking) teve origem na organização sem fins lucrativos “Project For Public Spaces (PPS). Esta organização sem fins lucrativos foi fundada em 1975, para aplicar e expandir o trabalho de William H. Whyte, ajudando as pessoas a transformar os seus espaços públicos em espaços de qualidade, cheios de vitalidade, e que contribuam para a qualidade de vida dos residentes.

A palavra “Placemaking” ainda não está formalizada em dicionário, mas já se encontra largamente difundida, informalmente, de tal forma que o site de Wordspy, um site popular de procura de novas expressões, a define como “conceber um edifício ou espaço de modo a torna-lo mais atrativo e compatível com as que o usam” (Wordspy.com). No entanto para comunidade PPS, o seu principal difusor e que a introduziu pela primeira vez, na publicação “The Role of Transit in Creating Livable Metropolitan Communities” (PPS, 1997), assume um carácter mais abrangente.

“Placemaking” é o processo de modelação do espaço público com o objetivo de maximizar as suas potencialidades e valor partilhado. Este é um processo baseado na participação comunitária para conceber, construir, administrar e adaptar o espaço público, para que, mais que desenhar espaço público, se consiga criar sinergias comunitárias de ativação social, e fomentar padrões atividades criativas, que confirmam singularidade e suportem o desenvolvimento contínuo das comunidades de utilizadores do espaço.



Figura II - 01 - A Ter em Conta para “Fazer Lugar”, Segundo Fred Kent

3 WWW.PPS.ORG

## 2.2 Critérios para Espaços Públicos de Sucesso

Segundo a comunidade PPS, um bom espaço público é um espaço onde as pessoas vão, porque querem lá ir, é um espaço onde acontecem encontros de amigos, onde se fazem negócios, onde se fazem celebrações. Um bom espaço público é um espaço social.

Ao longo dos anos, o estudo de diversos espaços públicos levou o PPS a concluir que todos os espaços de sucesso reúnem quatro características básicas: são **acessíveis**; são **confortáveis**, **com boa imagem**; têm **variedade de programas**; são **sociáveis**, onde se combinam encontros e se lavam os amigos. Estas características podem ser encontradas por exemplo no parque Superlink, representado na Figura II - 02.

### Acessibilidade

A acessibilidade de um local pode ser avaliada pela forma como este se liga com o resto da sua envolvente, quer do ponto de vista físico, como visual. Um espaço de sucesso tem uma certa fluidez, é fácil de ceder e de atravessar, tem clareza e é de fácil apreensão, conseguindo-se perceber num olhar rápido a maioria do espaço. Os limites do espaço também são importantes, uma rua com montras de lojas é mais interessante e por atrair mais pessoas, é normalmente mais segura do que uma parede branca.

Questões a considerar:

Consegue-se ver o espaço ao longe, e consegue-se ver o interior do espaço a partir de fora?

O espaço está bem relacionado com os edifícios da envolvente e os moradores utilizam-no, ou está rodeado de paredes opacas?

O espaço é fácil de aceder, mesmo para pessoas com mobilidade condicionada, ou tem obstáculos, como muitos degraus ou carros a perturbar o acesso?

O espaço proporciona percursos, pertinentes, que liguem lugares onde as pessoas querem ir?

O espaço é acessível por uma grande variedade de meios de transporte?

As paragens de transportes públicos estão, convenientemente, localizadas, próximo de programas úteis, como entradas de postos de correios, bibliotecas, ou outros?





Figura II - 02 - Parque Superlink - BIG

## **Conforto e imagem**

O conforto e a imagem estão diretamente ligados à forma como as pessoas percebem o espaço. É fundamental que o espaço tenha uma boa imagem, para ser agradável e atrativo as pessoas, Figura II – 03. O conforto está relacionado com fatores como a percepção de segurança, limpeza, e a disponibilidade de locais para sentar. A possibilidade de as pessoas terem (muita) possibilidade de escolha de onde sentar é importante para que se sintam livres, sem sentir que se vêem obrigadas a sentar num local específico ou a sentir o seu espaço pessoal a ser invadido por outros, Figuras II – 03, 04, 05. A sensação de liberdade é bastante importante para o conforto das pessoas, e isso torna-se muito aparente, quando a possibilidade de escolha é limitada. A presença de mulheres é um bom indicador da imagem e do conforto de um local, pois estas são normalmente mais suscetíveis e exigentes no tipo de espaço que ocupam.

Questões a considerar:

A primeira impressão que o espaço transmite é positiva?

O espaço é frequentado por mulheres do que homens?

O espaço proporciona variedade de espaços para sentar, onde as pessoas possam escolher, entre estar na sombra ou ao sol, mais isoladas, ou próximas dos fluxos de pessoas que passam?

A manutenção do espaço é cuidada, estando livre de lixo visível e de problemas de segurança?

Quem faz a manutenção do espaço e quando?

Existe algum tipo de força de segurança no local, com presença notada?

Há pessoas a tirar fotografias e bons “motivos” para fotografar?

O espaço está dominado pela presença do automóvel ou os fluxos exteriores impedem o fácil acesso ao interior?



Figuras II - 03, 04, 05 - Renovação do Parque Industrial de Tianjin, China



### **Variedade de programas**

Um local, por norma, funciona bem quando é frequentado por muitas pessoas. No entanto, as pessoas só acedem e frequentam um espaço, se tiverem um motivo, uma coisa para fazer. Os diferentes programas (coisas para fazer) são a base de qualquer lugar de sucesso. A variedade de programas é fundamental para atrair um leque alargado de pessoas aos locais, Figuras II – 06, 07, em horários distintos. A presença de espaços e atividades lúdicas atrai pessoas em grupos, havendo mais socialização.

Questões a considerar:

O espaço é utilizado, ou encontra-se sempre vazio?

O espaço é utilizado por pessoas de diferentes idades e por grupos de pessoas?

Quantos tipos diferentes de atividades ocorrem normalmente no local?

O local proporciona variedade de escolha nas atividades que se podem realizar?

É possível identificar algum tipo de gestão do espaço ou alguém que seja responsável pelo mesmo?

### **Sociabilidade**

A sociabilidade é uma característica difícil de atingir, mas que, quando conseguida, é inconfundível. Muitas vezes consegue-se criar um ambiente de comunidade, em que as pessoas se conhecem, pelo-menos de vista, e sentem empatia e responsabilidade pelo outro. É disto exemplo o espaço do SESC, no Brasil, Figuras II – 08, 09. Esta característica é o resultado da integração de todas as outras e fruto de uma boa conceção e manutenção do espaço.

Questões a considerar:

Existe algum local propício a encontros, onde as pessoas combinem encontrar-se com amigos e possam conversar?

As pessoas que frequentam o espaço parecem conhecer-se, de cara, o pelo nome?

O espaço tem algum elemento marcante, que as pessoas possam destacar, numa conversa, com orgulho, ou que levem amigos a visitar?

As pessoas estão a sorrir e fazem contactos visuais, umas com as outras?

O espaço é utilizado de forma regular, por escolha, pelas suas características, ou apenas por falta de alternativas?



Figuras II - 06, 07 -Parque Superlink - BIG



Figuras II - 08, 09 - SESC - Lina Bo Bardi

## 2.3 Estratégias para Espaços Públicos de Sucesso

### “O poder do número 10” (The Power of 10)<sup>4</sup>

“The Power of 10 is a concept PPS uses to start off a Placemaking process. The idea is that it's not enough to have just one great place in a neighborhood- you need a number of them to create a truly lively city or town. It's not enough to have only one superior neighborhood in a city- you need to provide people all over town with close-to-home opportunities to take pleasure in public life. And, it's not enough to have one livable city or town in a region- you need a collection of interesting communities.”<sup>5</sup>

O primeiro passo do processo de concepção de um espaço ou edifício, segundo o PPS, é a reunião de alguns **moradores que conheçam** bem o local e que saibam identificar as carências e os pontos fortes da zona a intervir. No âmago do conceito do “Power of 10” está a ideia de que, para criar um espaço público atraente e cheio de vida, são necessárias **pelo menos dez** coisas para fazer ou dez razões diferentes para lá estar. Para um espaço ter sucesso, pode ter, por exemplo: locais para sentar; um parque infantil; arte para apreciar e tocar; sítios para comer; um monumento histórico. Se possível, o espaço deve ter algum elemento que lhe dê singularidade, que seja interessante e que atraia pessoas. Esta forma de abordar a planificação de uma estratégia simplifica o processo e dá, aos intervenientes, objetivos tangíveis e fáceis de atingir, para além de incluir a comunidade no processo de revitalização.

### 11 Princípios de Intervenção para Criar Bons Espaços Públicos

“It's hard to design a space that will not attract people. What is remarkable is how often this has been accomplished (...) It takes real work to create a lousy place. (...) Most ledges are inherently sittable, but with a little ingenuity and additional expense they can be made unsittable” (Whyte, 1980: 29).<sup>6</sup>

O PPS identificou 11 princípios de atuação para a transformação de espaços públicos em espaços comunitários, quer estes sejam parques, praças, ruas, ou quaisquer outros espaços que tenham em comum o uso público.

---

4 O desenvolvimento que se segue tem por base o site PPS.org ([www.pps.org](http://www.pps.org))

5 A ideia de “o poder de 10” é usada pelo PPS para iniciar o processo de atuação (“Placemaking”) quando se deparam com um novo espaço a revitalizar. A ideia é que, não basta ter apenas um bom espaço, numa comunidade, é necessário fornecer muitos e bons espaços, para a comunidade florescer. Não basta ter apenas um bairro que funcione muito bem, numa cidade, é necessário criar uma rede de bons espaços, para que, por toda a cidade, as pessoas tenham a oportunidade de ter perto das suas casas espaços agradáveis e bem tratados. Não basta ter uma cidade com boa qualidade de vida na região, é necessário criar uma rede de cidades interessantes e apelativas.

6 É difícil desenhar um espaço que não atraia as pessoas. O que é surpreendente, é a quantidade de vezes que isso se consegue fazer. Tem que haver um investimento real para criar um espaço desagradável. A maioria dos muretos e saliências são inerentemente adequadas para sentar, é necessário algum engenho e investimento adicional para impedir que as pessoas se sentem.

### **1: A comunidade é especialista**

Como referido anteriormente, em “O poder do número 10”, o primeiro passo, no processo de conceção de um espaço, é reunir elementos da comunidade (moradores) que possam identificar as principais potencialidades e fragilidades do espaço, bem como, dar sugestões de resolução dos problemas. Estas pessoas podem identificar factos históricos ou curiosidades, informações sobre as dinâmicas de funcionamento e questões críticas, para as pessoas que se interessam sobre o espaço. Este passo ajuda a reunir massa crítica e cria mais envolvimento na comunidade.

### **2: Fazer Lugar e não um projeto**

Para revitalizar um determinado espaço público é importante conceber um projeto que melhore as características física do espaço, tornando-o mais confortável, bonito e apelativo, mas, também é fundamental ter uma visão mais global, integral e integrante, sobre o espaço. É necessário relacionar o espaço com a envolvente, com as lojas e com outros espaços que contenham atividades, que atraiam pessoas, de modo a modificar os fluxos pedonais, potenciando e tirando partido do poder atrativo global dessas atividades. Este **poder atrativo global** é muito superior à capacidade individual de cada espaço, e é aqui que está grande parte da solução.

### **3: Procurar parcerias**

O ditado popular de “A união faz a força” faz todo o sentido neste contexto. A procura de parcerias estratégicas é muito importante para o sucesso do espaço, quer seja para partilha de ideias, quer seja para ver como podem ajudar-se mutuamente, alinhando objetivos individuais. Estas parcerias podem ajudar a tirar o projeto do papel, quer como um elemento de pressão para vencer inércias burocráticas, quer mesmo, com participações financeiras. Estes parceiros podem ser instituições locais, como museus, escolas ou mesmo comércios locais.

### **4: Observar**

Observar é a melhor forma de aprender com os sucessos e com os fracassos dos outros. Ao observar como um espaço é (ou não) usado, o que as pessoas gostam e o que não gostam, é possível perceber o que faz um determinado espaço funcionar. A observação tornará claro que tipos de atividades estão em falta e podem ser incorporadas. Depois de o espaço estar “terminado”, deve-se continuar a observar, para perceber como gerir e melhorar o espaço ao longo do tempo.

### **5: Ter um “conceito”**

A ideia por traz de qualquer espaço deve nascer da individualidade do lugar e procurar inspirar um sentimento de orgulho nas pessoas da comunidade envolvente. É importante que a ideia oriente o desenho, para que o espaço seja confortável, agradável e tenha uma boa imagem. Assim o conceito deve procurar melhorar o espaço, sem perder de vista a essência do **lugar**.

## **6: Começar com as premissas: Leve, Rápido e Barato**

Revitalizar um lugar não passa, necessariamente, por uma reconstrução integral do espaço. A complexidade do espaço público torna difícil conseguir resolver os problemas todos de uma vez. Assim, um processo eficiente é experimentar com pequenas intervenções, de fácil execução e custos controlados, que possam ser adaptadas ao longo do tempo, como arte urbana, esplanadas, ou mercados locais. Este tipo de experimentação pode conseguir grandes melhorias em pouco tempo.

## **7: Triangular**

“Triangulation is the process by which some external stimulus provides a linkage between people and prompts strangers to talk to other strangers as if they knew each other” (Whyte, 1980: 94)

O termo “Triangulação” é usado por Whyte para se referir ao que acontece quando dois estranhos iniciam um diálogo, como se se conhecessem, devido a um estímulo exterior aos dois, normalmente, um acontecimento estranho ou um elemento urbano peculiar. Estas conversas “de ocasião” são muito importantes para a qualidade social do espaço público. O desenho do espaço pode e deve ser orientado para facilitar este tipo de interações sociais, quer através da introdução de elementos singulares, como esculturas ou outros elementos invulgares, quer através da organização do mobiliário urbano, colocando, por exemplo, um banco de jardim próximo de repuxo, ambos adjacentes a um percurso com um bom fluxo pedonal. A uma escala maior, se à saída de uma escola houver uma pequena esplanada, de um bar, e um jardim, estes três elementos conjugados criarão mais interação social, do que conseguiriam individualmente, se estivessem separados.

## **8: Ultrapassar obstáculos**

“O impossível é o que nunca foi tentado. Chega quem caminha” (Charles Chaplin)

A revitalização de um lugar, como qualquer outro projeto ou demanda, implica sempre encontrar e ultrapassar obstáculos. A complexidade de todos os sistemas em funcionamento na cidade e os diferentes contextos, específicos de cada lugar, levam ao aparecimento de problemas, por vezes, aparentemente, intransponíveis, que é necessário ultrapassar de forma criativa e singularizada. Ao iniciar o processo de revitalização, as pequenas intervenções, sem grandes investimentos, ajudam a demonstrar como as melhorias no espaço público são possíveis, conseguindo convencer e incluir mesmo os céticos.

## **9: A forma suporta a função**

A ideia para o desenho tem que ser informada e adaptada às necessidades específicas de cada espaço, e não partir de um conceito ou visão abstratas. Os inputs da comunidade e dos potenciais parceiros, a observação da forma como outros espaços funcionam e as soluções dos problemas específicos ao espaço, devem ser o cerne do conceito que depois se transformará em projeto.





Figura II - 10 - Incluir a Comunidade e Potenciais Parceiros no Processo



Figura II - 11 - Pequenas Mudanças, Grandes Melhorias



Figura II - 12 - O Dinheiro não é obstáculo

#### **10: O dinheiro não é obstáculo**

O problema dos custos da intervenção deve estar sempre presente para o projetista, mas não deve ser um dado demasiado castrador da ideia. Por um lado, depois de instalada a infraestrutura básica do espaço público, a adição de outros elementos como bancos, quiosques ou esplanadas, não representa um investimento extra demasiado avultado. Por outro lado, a integração da comunidade e dos potenciais parceiros, que também irão beneficiar das melhorias, permitirá que alguns dos investimentos sejam assegurados por eles, e o entusiasmo gerado a volta da revitalização do lugar fará com que os custos sejam relativizados, em função dos benefícios.

#### **11: O trabalho não acaba**

A revitalização de um espaço não termina na inauguração, o processo é contínuo. As comunidades que preenchem e se servem dos espaços são complexas e estão em constante evolução, as necessidades alteram-se e os espaços degradam-se. A execução do projeto é o início do processo e não o fim. A supervisão e gestão do espaço são essenciais para que este se mantenha adequado a quem serve e flexível para acolher a mudança.



Figura II - 13 - William H. Whyte, "Social Life of Small Urban Spaces"

## 2.4 “Social Life of Small Urban Spaces”

William H. Whyte passou dezasseis anos a documentar fluxos pedestres, em Nova Iorque, e a tentar compreender os seus princípios ordenadores. Com a sua equipa de colaboradores do “The Street Life Project”, em 1969, estudaram praças (de que é exemplo a Figura II-14)<sup>7</sup>, jardins e parques urbanos, tentando compreender como funcionam e quais são os elementos do desenho que desempenham algum papel, na mediação de interações sociais, nos espaços públicos da cidade. O resultado das investigações do TSLP levaram a publicação do livro “The social Life of small urban Spaces” (Whyte, 1980).

Em clara oposição com os princípios modernistas de separação funcional, Whyte **observou** que as pessoas procuram a multidão (self-congest), o que o leva a afirmar que “quantidade de pessoas é vida” (volume is life). As Tabelas II – 01, 02, 03 e 04 são exemplos de algumas das variáveis abordadas na análise quantitativa do TSLP. O estudo, requerido pelo Departamento de Parques da Cidade de Nova Iorque, contribuiu para um vasto conhecimento do comportamento humano, no espaço público, e também forneceu dados empíricos para a criação de políticas e canalização de investimentos públicos. Deste estudo resultaram importantes lições em como tornar os espaços atrativos, fazendo de Whyte um especialista em revitalizar espaços em decadência.

“Supply creates demand. A good new space builds a new constituency. It stimulates people into new habits – al fresco lunches – and provides new paths to and from work, new places to pause. It does all this very quickly.” (Whyte, 1980: 16)<sup>8</sup>

Na procura dos fatores diferenciadores dos espaços começou, rapidamente, a perceber-se que a quantidade de espaço para sentar é um dos mais relevantes para o sucesso e, com o avançar do estudo, os aspetos qualitativos do espaço para sentar começaram a mostrar-se determinantes. Para além do espaço para sentar, o sol, o vento, a chuva ou o calor, têm de ser acautelados na fase de projeto. São também importantes as árvores, a água, a comida e espaços de refeição. Se a praça tiver uma escultura extravagante, um evento de rua ou qualquer outro elemento diferenciador que capte a atenção, cria-se o que Whyte chama de triangulação, em que estranhos iniciam conversas casuais e a socialização acontece. Finalmente, a relação com a rua é o fator decisivo para o sucesso de um lugar, esta é uma característica que não pode ser acrescentada, tendo que ser cuidadosamente planeado de início.

---

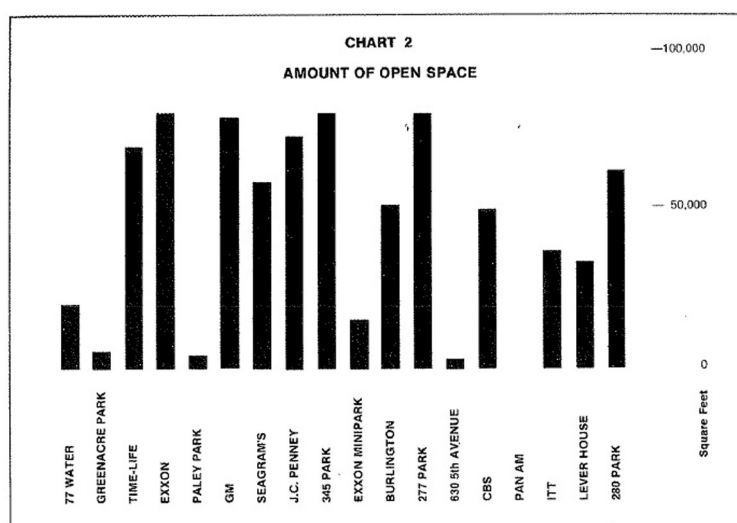
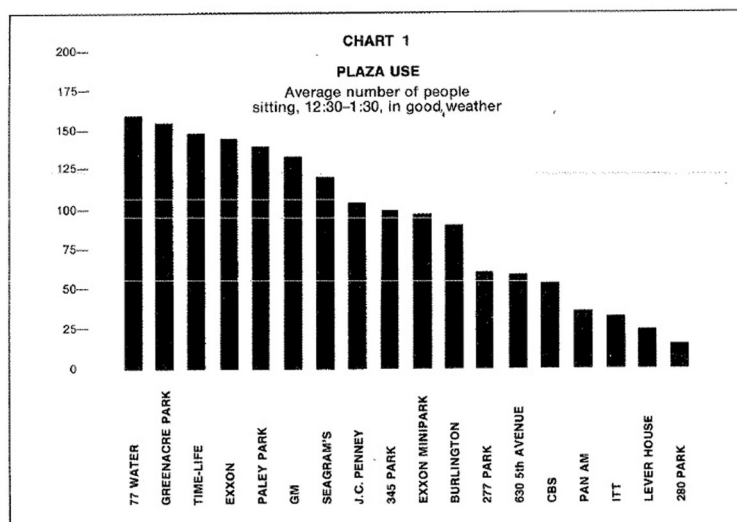
7 No livro de Whyte, segundo Philip Johnson, Mies Van der Rohe ficou muito surpreendido com a quantidade de pessoas sentadas nos ressaltos da praça Seagram's, atividade que o arquiteto nunca tinha imaginado que pudesse acontecer. O arquiteto favoreceu a simplicidade na conceção do projeto, evitando acessórios desnecessários, o que resultou num espaço com mais liberdade de movimentos e escolha, na forma de o ocupar. (whyte, 1980: 29)

8 A oferta cria procura. Um novo espaço de qualidade cria uma nova comunidade, estimula as pessoas a criarem novos hábitos, almoços no exterior, novos percursos de e para o trabalho, assim como novos espaços de ócio. E faz tudo isto muito rapidamente.

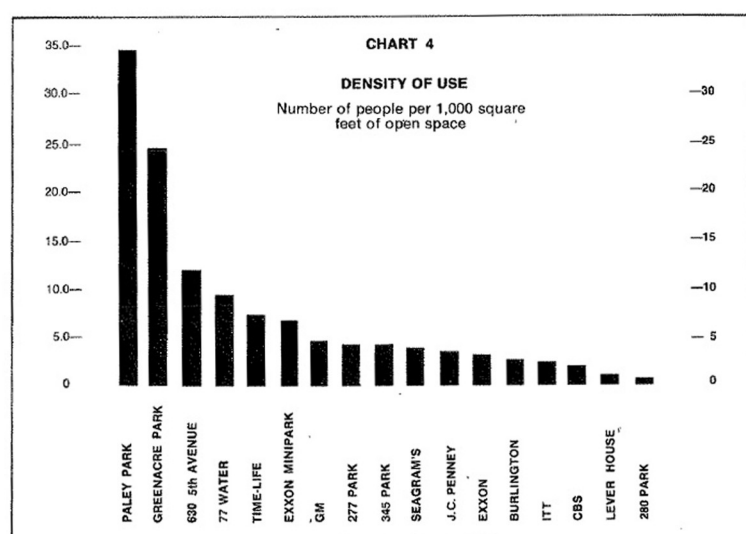
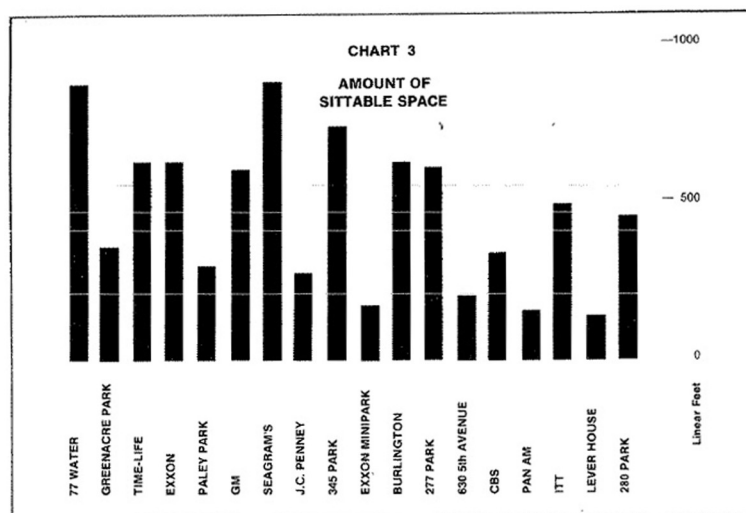




Figura II - 14 - Praça do Edifício Seagram's, Mies Van der Rohe. Uma das praças estudadas no TSLP, por Whyte



Tabelas II - 01, 02 - Exemplos do Tipo de Dados Recolhidos no Estudo TSLP



Tabelas II - 03, 04 - Exemplos do Tipo de Dados Recolhidos no Estudo TSLP

## 2.5 Morfologia e Socialização. Desenhar para as Pessoas

Com este trabalho é possível perceber como é que os espaços públicos funcionam, e como funcionam as pessoas dentro deles. Quais são os fatores que podem tornar obsoleto ou dar vida a um determinado espaço. Muitas vezes o espaço é propositadamente desenhado para ser hostil a “indesejáveis”, mendigos, e outras pessoas marginais a sociedade. No entanto o que acontece, é que se tornam desagradáveis também para todas as outras pessoas. Em contraste, os espaços que atraem muitas pessoas tendem a ter poucos problemas, pois existe pouco vácuo, isto é, vazio social, onde os “indesejáveis” se sintam a vontade.

### Praças

As melhores praças são espaços sociais, em que há muitas pessoas e muitos conjuntos de pessoas. Se uma praça tem muitos casais, muitos grupos e muitos encontros, quer dizer que as pessoas escolheram estar ali. Um elevado numero de mulheres numa praça, quer normalmente dizer que algo está bem, as mulheres são mais seletivas em relação ao espaço, assim, se houver algo desagradável, elas afastam-se.

Os ritmos das praças, nas grandes cidades, são comparáveis de lugar para lugar, menos pessoas de manhã, um pico de utilizadores ao almoço até meio da tarde, e começam a ficar desertas ao final da tarde, permanecendo assim até ao dia seguinte. Esta realidade é mais marcada em sociedades ocidentais, particularmente, na Norte-Americana, em que há o habito de almoços ligeiros, nos espaços públicos.

O que mais atrai as pessoas são outras pessoas, e embora em questionários refiram que preferem sítios isolados, para “escapar” da cidade, na realidade, o comportamento que se verifica é que as pessoas “gravitam” para espaços com mais pessoas e a principal atividade numa praça é observar outras pessoas. Este facto é muitas vezes ignorado no desenho do espaço.

Quando as pessoas param para conversar, mostram uma tendência para permanecerem no meio do fluxo pedonal. Este comportamento pode parecer estranho, poderiam retirar-se para um ponto mais calmo, mas não o fazem. Quer seja por instinto, ou de forma consciente, a razão parece ser a de que no meio das pessoas que passam há **mais escolha**, é mais fácil terminar a conversa, ou então permanecer.

Mesmo quando as pessoas param e se sentam para descansar, quer sozinhas, quer em grupos, tem tendência para se situarem sempre muito próximo do percurso mais utilizado. As pessoas também gostam de se posicionar perto de objetos, ou estruturas, gostam de espaços bem definidos. O que raramente acontece é pararem no centro de um grande espaço, isto parece ser desconfortável.





Figura II - 15 - Avenida dos Aliados, Porto



Figura II - 16 - Parque Paley, Nova Iorque

Estes comportamentos das pessoas são verificados em muitas partes do mundo, o principal fator de influência parece ser o tamanho da cidade. Há mais semelhança entre o comportamento de um Americano e um Japonês numa praça de uma grande cidade, do que o de dois Americanos em cidades de dimensões e densidades distintas.

### **Espaços para sentar**

As pessoas são bastante consistentes nos seus hábitos. Dia após dia, há praças que são muito frequentadas, e outras que estão quase desertas. Esta diferença não se deveria verificar, pois a maioria das praças são aparentemente bastante semelhantes. Porquê então estas diferenças no uso?

Na procura dos fatores diferenciadores, puseram-se diversas hipóteses. Será o sol um fator relevante? A forma, a estética, a quantidade de espaço? Nenhum destes fatores revelou dados consistentes, se pareciam influenciar em alguns casos, em outros eram imediatamente desmentidos.

O fator que começou rapidamente a dar dados consistentes foi o da quantidade de espaço para sentar, e com o avançar do estudo, os fatores qualitativos do espaço para sentar começaram a a mostrar-se determinantes.

Os melhores locais para sentar são muretos, ressaltos, rebordos e degraus. Bancos são socialmente mais desconfortáveis, pois o seu dimensionamento é normalmente errado, não tendo em conta fatores de proximidade.

Os melhores locais para sentar são fisicamente confortáveis, mas é mais importante que sejam socialmente confortáveis. A pessoa deve sentir que pôde fazer uma escolha livre, isto deveria ser previsto no design do local. A dimensão mais importante do assento é a profundidade, quer seja um banco, uma escultura ou outro local para grupos, deve ter superfície suficiente para duas pessoas não se tocarem quando de costas voltadas. O objetivo não é dobrar a capacidade, mas sim dar mais escolha, sentar, recostar-se, deitar-se.

Bancos fixos, individuais ou duplos, não resultam, pois, com a exceção de casais, as distâncias são constringentes, e é retirada qualquer escolha possível. Poder escolher onde sentar é fundamental para a percepção de liberdade, ou clausura.

A cadeira individual é também uma boa forma de sentar, poder manipular a cadeira da sôbra para o sol, para próximo do nosso interlocutor, ou apenas uns centímetros para o lado, dá uma agradável sensação de liberdade, é por isso que funciona tão bem nas esplanadas exteriores.



Figura II - 17 - Diferentes Formas de Sentar (no Porto)



Figura II - 18 - Diferentes Formas de Sentar (Porto)



Figura II - 19 - Diferentes Formas de Sentar (Seagrams, NY)





Figura II - 20 - Liberdade de Escolha ao Sentar



Figura II - 21 - Liberdade de Escolha ao Sentar (Porto)

## Clima e ambientes

Os fatores climáticos são de uma enorme importância para a experiência do espaço exterior, estando intimamente ligados a ideia de conforto. O sol, o vento, a chuva, e o calor são fatores que fazem muitas vezes a diferença entre estar sentado confortavelmente, ou não estar de todo. Estes fatores não fazem parte do desenho do espaço, mas tem que ser acautelados no desenho, para que possam ser potenciados a favor de uma boa experiência do espaço.

Habitualmente, no hemisfério norte, pensa-se que uma exposição solar de sul é fundamental para um espaço funcionar bem e ser agradável (no hemisfério sul, considera-se a exposição a norte). No entanto, o registo fotográfico contínuo, ao longo do ano, mostra que a exposição direta aos raios solares não é uma condição constante, se em abril as pessoas se sentavam de acordo com a localização do sol, em julho, o sol move-se mas as pessoas não acompanhavam. A mudança de comportamento das pessoas deve-se ao aumento da temperatura, que torna a exposição direta aos raios solares menos importante para a sensação de calor ou até mesmo desconfortável.

“ Warmth is just as important as sunlight. The days that bring out the peak crowds in plazas are not the sparkling sunny days with temperatures in the seventies, good as this weather might be for walking. It is the hot, muggy days, sunny or overcast, (...) when you will find the peak number outside. People do like the warmth” (Whyte, 1988: 44).

### Sol

Em primeiro lugar, devem ser previstos lugares onde sentar com exposição direta ao sol, especialmente no inverno. Com frio, a incidência de sol é fundamental. Os espaços com sol direto devem ser previstos e protegidos. Se houver onde sentar ao sol e também na sombra é o ideal, para que as pessoas possam ter **opções** e possam exercer a sua **liberdade** de escolha.

Se o espaço a intervir não tem exposição solar direta, isso, por si só, não representa um problema insuperável. O espaço ou edifício pode ser concebido (desenhado) de modo a tirar partido dos raios refletidos pelos edifícios vizinhos, o que pode dar ambientes bastante agradáveis, com luminosidades mais suaves e atmosferas próprias.

### Vento

O vento é um fator tão importante como o sol. A proteção contra rajadas fortes é fundamental. Em espaços entre edifícios as dinâmicas do vento são mais complexas, frequentemente, os edifícios altos potenciam o aumento da velocidade dos ventos e é necessário um estudo cuidadoso para evitar a criação de espaços desagradáveis.



Figura II - 22 - Jogos de Luz Refletida (Paley Park, NY)

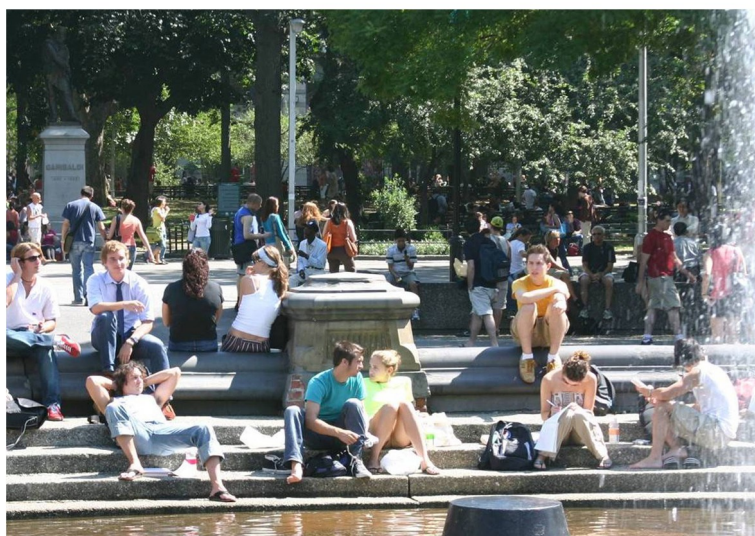


Figura II - 23 - Liberdade de Escolha, Sol ou Sombra

## **Árvores**

As árvores têm tantas características benéficas para o espaço público que é estranho como é que não estão mais disseminadas pela cidade. As árvores devem estar relacionadas com os espaços para sentar e com percursos pedonais, permitindo criar sombreamento nos dias de sol mais intenso. A proteção e os jogos de luz e sombra, fornecidos pela copa das árvores, criam um efeito virtual de separação que, em conjunto com uma vista sobre a ação da cidade, fazem dos espaços que tem estas características, os de maior sucesso no estudo TSLP.

As árvores criam sombra, jogos de luz, são pontos de referência, criam atmosferas, controlam o espaço e criam uma sensação agradável de separação, em que as pessoas se sentem protegidas. Resumindo, as árvores fazem Lugar.

## **Água**

A água é outro dos elementos que os projetistas podem manipular, e é já bastante usada nos espaços públicos. As melhores características da água são a sua aparência e a frescura ao toque. A água fascina e atrai o homem, assim é importante que seja acessível, que se possa tocar, que se possa brincar, e que se possa observar de perto.

A água pode ser também instrumentalizada, o som de uma cascata de água pode ser bastante alto, mas o cérebro humano não interpreta esse som como ruído. O som produzido é ruído branco, que pode servir para mascarar o som das buzinas de uma rua movimentada ou as conversas de um grupo de pessoas próximas. O efeito é que espaços bastante ruidosos sejam percebidos como espaços calmos e de contacto com a natureza, em que as pessoas podem estar muito mais próximas umas das outras sem que o conforto das distâncias sociais seja perturbado, aumentando a capacidade efetiva de um lugar.

## **Comida**

“If you want to seed a place with activity, put on food. In New York, at every piazza or set of steps with a lively social life, you will almost invariably find a food vendor at the corner and a knot of people around him, eating, sshmoozing, or just standing” (Whyte, 1988: 50)

A comida atrai as pessoas, e estas, por sua vez, atraem mais pessoas. A qualquer hora do dia há sempre alguém que quer ou precisa de comer, fruto das diferentes rotinas, o que cria um fluxo constante de pessoas a passar e a parar, para dois dedos de conversa casual.





Figura II - 24 - Conforto da Copa das Árvores (Aliados, Porto)



Figura II - 25 - A Importância da Água (Paley Park, NY)



Figura II - 26 - Efeito Aglutinador dos dos Bares na Rua das Galerias de Paris (Porto)

### **Ponto de interesse**

Todos os elementos referidos anteriormente podem funcionar como pontos de interesse para mitigarem a aridez de um grande espaço vazio e pontuarem o espaço, dando-lhe escala.

Se existir um elemento singular, uma escultura, uma animação de rua, uma performance, os utilizadores têm algo que lhes capta a atenção e exerce um efeito magnético. Estas pessoas trocarão comentários com desconhecidos, como se estes não o fossem e cria-se um ambiente social mais leve e descontraído.

### **A rua**

A relação com a rua é a primeira e mais importante característica de uma praça. As ruas são as veias das cidades e é por elas que fluem as pessoas, irrigando de atividade e vida os espaços que lhes estão adjacentes. Qualquer praça começa no cruzamento de duas ruas, que é o ponto de confluência de fluxos. O modo particular de como uma praça se relaciona com a rua é então fundamental, o acesso deve ser fácil, por vezes, mais 30 cm de diferença de cota, são a diferença entre um espaço agradável, e um espaço vazio. O espaço deve ser próximo e visível. Um espaço que não se vê, “não existe”.

A própria rua deve ser um espaço agradável, com passeios largos, e com comércio diversificado, as fachadas devem ter montras atraentes, para que haja sempre motivos para as pessoas a percorrerem. Enquanto elemento estruturante e sempre presente na cidade, a qualidade das ruas é tão (ou mais) fundamental para a qualidade de vida na cidade do que os espaços que serve.

Whyte, através das suas observações, chega a diversas conclusões que são partilhadas por outros autores, que estudam a cidade. Todos eles vêem a cidade principalmente enquanto palco e ator nas interações sociais entre pessoas, e é a partir do sucesso ou não destas relações sócias, que classificam as intervenções de bem sucedidas ou não.





Figura II - 27 - Escultura Atrai Curiosos e Pontua o Espaço (Bilbao)



Figura II - 28 - Escultura Atrai as Crianças (Coimbra)



Figura II - 29 - Animação de Rua (Avenida dos Aliados, Porto)



Figura II - 30 - Dinamizar a Rua (Galerias de Paris, Porto)



Figura II - 31 - A Rua e a Comunidade

### **CAPÍTULO III – ANÁLISE DE CASOS**

#### **3.1 Resultados da Análise Morfológica**

#### **3.2 Resultados da Análise Comparada da Ocupação**





## **CAPÍTULO III– ANÁLISE DE CASO**

### **3.1 Composição do Estudo**

Neste ponto do trabalho é feita uma análise de seis espaços públicos na cidade do Porto, com o objetivo de perceber se as investigações e os resultados, sobre a influência do desenho do espaço na socialização, que Whyte defende em “Social Life of Small Urban Spaces”, se mantêm atuais, e se aplicam no contexto atual da realidade Portuense.

O trabalho de campo consistiu na observação e documentação fotográfica dos seis espaços, tendo-se desenvolvido durante o período correspondente ao mês de Outubro. Este período de análise permitiu abarcar uma grande variedade de condições climáticas, desde dias de sol, até dias chuvosos e com temperaturas relativamente baixas. Os locais foram observados em dias de semana e de fim-de-semana, como se pode observar na Tabela III – 1, documentando todos os períodos do dia e abarcando uma multiplicidade de situações. Os elementos a observar no trabalho de campo são os padrões de ocupação e circulação nos espaços, para posteriormente, com uma análise morfológica, tentar perceber se existem relações de causa e efeito, próximas das encontradas por Whyte.

Os espaços selecionados para análise são comparados dois a dois por representarem estratégias diferentes de intervenção no mesmo tipo de espaço, e são os seguintes: Quarteirão das Cardosas (caso de estudo 1); Praça de Lisboa (caso de estudo 2); Rua de Santa Catarina (caso de estudo 3); Rua das Galerias (caso de estudo 4); Largo do Moinho de Vento (caso de estudo 5); Largo de Mompilher (caso de estudo 6). Há, entre o grupo escolhido, alguns espaços que conseguem atrair pessoas durante grande parte do dia, outros que atraem pessoas só no período noturno, e ainda outros que apresentam sistematicamente falta de pessoas.

Os critérios de escolha da amostra são a localização no Centro do Porto, a partilha do contexto de estudo entre si, e com a localização da proposta de projeto. Fazem parte da amostra dois quarteirões com intervenções recentes, (CE 1 e 2), duas ruas (CE 3 e 4), e dois largos (CE 5 e 6). Estes espaços são exemplos construídos de diferentes tipos de espaço público e têm características que se pretendem incluir na estratégia para a proposta de projeto. Sendo comparáveis entre si, estes espaços têm algumas características morfológicas que os distinguem, bem como, padrões de ocupação desfasados, possibilitando verificar se existe uma relação de causa e efeito entre forma e ocupação do espaço.

O método de recolha de dados é a observação no local com registo fotográfico e posterior tratamento de dados, feito em duas fases. Na primeira fase é feita uma análise morfológica, individualizada de cada espaço, segundo os critérios que se propõe validar. Na segunda fase é feita uma análise estatística da ocupação dos espaços.

Tabela III - 01 - Calendarização do Trabalho de Campo

Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
12	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

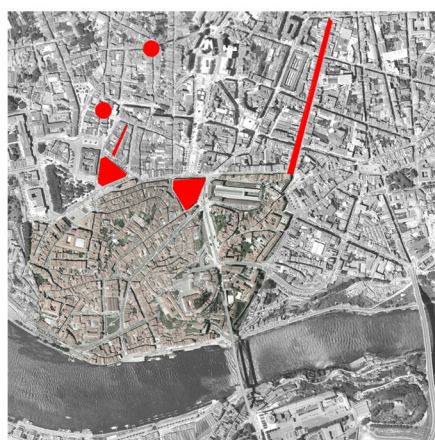


Figura III - 01 - Localização C. H. Porto

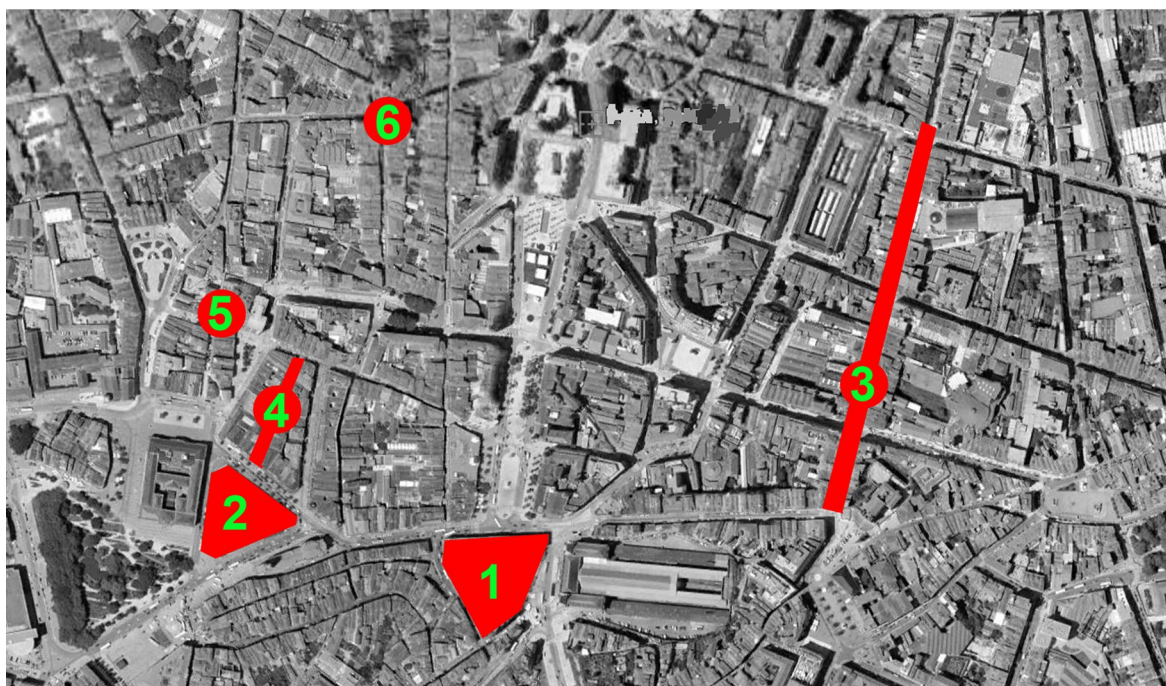


Figura III - 02 - Localização e Identificação dos Espaços em Análise





Figura III - 03 - Quarteirão das Cardosas, Caso de Estudo 1



Figura III - 04 - Quarteirão da Praça de Lisboa, Caso de Estudo 2



Figura III - 05 - Rua de Santa Catarina, Caso de Estudo 3



Figura III - 06 - Rua das Galerias de Paris, Caso de Estudo 4





Figura III - 07 - Largo de Mompilher, Caso de Estudo 5



Figura III - 08 - Largo do Moinho de Vento, Caso de Estudo 6

### 3.2 Análise Morfológica dos Parâmetros

A análise morfológica que se segue tem por objetivo verificar se as características morfológicas, que Whyte identifica como positivas, num espaço, para uma boa socialização, estão presentes nos espaços em estudo. Assim a Tabela III - 02 resume os principais critérios para um espaço de sucesso.

**Tabela III - 2 - Critérios Morfológicos para um Espaço de Sucesso**

	CE 1	CE 2	CE 3	CE 4	CE 5	CE 6
Sentar Variedade de Escolha		X	X			X
Sentar ao Sol		X	X		X	X
Sentar a Sombra	X	X	X		X	X
Sentar (Bancos 3 Pax.)			X			
Sentar (Bancos Longos)	X					
Sentar Degraus \ Ressaltos	X					X
Sentar (Profundidade p. 2 Pax.)						
Sentar Cadeiras Moveis		X	X	X		X
Ambiente (Sol Direto)	X	X			X	X
Ambiente (Sol Refletido)			X	X		
Ambiente (Proteção p. Vento)		X	X	X		X
Árvores (Sombra Percursos)				X		X
Árvores (Sombra Assentos)					X	
Água (Ruído Branco)						
Água (Acessível ao toque)						
Comida (de Qualquer Tipo)		X	X	X		X
Ponto de Interesse\ Atração		X	X	X		X
Múltiplos Elementos Atrativos		X	X			
Relação c. Rua (Direta Fácil)		X	X	X	X	X
Rel. c. Rua (Próxima c. Desnível)						
Envolvente (Multi. Programas)	X	X	X	X		X
Envolvente (RC com Aberturas)	X	X	X	X		X
Envolvente (RC com Comércio)		X	X	X		X

Legenda: CE 1 – Quarteirão das Cardosas; CE 2 – Quarteirão da Praça de Lisboa; CE 3 – Rua de Santa Catarina;  
CE 4 – Rua das Galerias de Paris; CE 5 – Largo do Moinho de Vento; CE 6 – Largo de Mompilher.

**Tabela III - 3 - Critérios Morfológicos Negativos para um Espaço de Sucesso**

	CE 1	CE 2	CE 3	CE 4	CE 5	CE 6
Sentar (Sem possibilidade)				X		
Sentar (Individuais Fixas)					X	
Relação com a Rua Distante:						
Distância na Vertical (Cota ≠)						
Distância Longitudinal	X					
Barreiras Físicas						
Barreiras Visuais	X					
Envolvente (Rés-do-chão)						
Pouca Variedade de Horários			X	X	X	
Paredes Opacas					X	

Legenda: CE 1 – Quarteirão das Cardosas; CE 2 – Quarteirão da Praça de Lisboa; CE 3 – Rua de Santa Catarina;  
CE 4 – Rua das Galerias de Paris; CE 5 – Largo do Moinho de Vento; CE 6 – Largo de Mompilher.

As Tabelas III - 2 e 3 são úteis para fazer uma síntese rápida das características morfológicas, positivas e negativas, que estão presentes nos espaços em estudo. No entanto, para um melhor entendimento das realidades complexas dos espaços, é necessário fazer uma descrição mais extensiva de cada espaço. A qualidade social de um espaço depende de alguns fatores quantitativos, mas principalmente de fatores qualitativos, que são impossíveis de demonstrar com uma tabela. Desta forma, de seguida é apresentado, para cada espaço, um texto descritivo, que apoia e ajuda a decodificar as tabelas apresentadas.

### **Caso de estudo 1 – Quarteirão das Cardosas**

A envolvente ao Quarteirão das Cardosas é das mais movimentadas da cidade do Porto, graças à proximidade com a Avenida dos Aliados e a estação de S. Bento. Como os restantes espaços em análise, a densidade de construções é elevada, mas a densidade de residentes é baixa. Na envolvente ao quarteirão existem vários comércios, restauração, que, no entanto, não estão relacionados com o interior.

Na relação da praça com a envolvente, embora o acesso não tenha barreiras arquitetónicas e garanta estacionamento em parque subterrâneo, a praça encontra-se isolada da vida da cidade. O principal problema da praça é estar “muralhada” pelos edifícios do quarteirão, tendo apenas acessos pontuais e em túnel, o que dificulta a visibilidade para o interior, limitando o efeito de atração (pela curiosidade). O interior do quarteirão não se articula ou relaciona com os fluxos da cidade.

Segundo os critérios em análise, o desenho da praça apresenta um resultado negativo. Embora hajam bastantes degraus para sentar e até um segundo piso de jardim, existe apenas um bar (discreto) quase invisível da praça. Não existe nenhum elemento de triangulação, que atraia as pessoas ao interior. Não há nenhum ponto de água na praça e há apenas um arbusto perdido no espaço, amplo e vazio, da praça. Devido às construções altas em todo o perímetro, a praça encontra-se quase sempre em sombra, o que a torna fria e húmida nos meses de inverno.

### **Caso de estudo 2 – Praça de Lisboa**

O espaço Público da Praça de Lisboa apresenta bastantes elementos positivos na análise efetuada, e os pontos que não apresenta, são na maioria dos casos, compensados por outros. No espaço para sentar, está repleta de esplanadas com cadeiras individuais móveis, o que dá muita sensação de liberdade. Por ser um espaço contínuo e relativamente pequeno há pouca variedade de ambientes, apenas com uma zona central coberta que faz uma compressão do espaço no sentido vertical, dá escala e fundamentalmente, permite escolher entre sentar à sombra ou no sol.

Neste espaço não existe qualquer árvore ou ponto de água, assim como, também não há um elemento notável. No entanto, a integração no fluxo é tal, e a envolvente tão rica, que estes pontos negativos são minimizados. Os critérios em estudo funcionam em rede, apoiando-se mutuamente.





Figura III - 09 - Quarteirão das Cardosas, Caso de Estudo 1



Figura III - 10 - Quarteirão da Praça de Lisboa, Caso de Estudo 2

### **Caso de estudo 3 – Rua de Santa Catarina**

A Rua de Santa Catarina apresenta resultados mistos, mas, tendencialmente positivos. Embora esta seja uma rua comercial pedonal, a variedade de programas não é ideal, pois tem pouca habitação ocupada, e o comércio fecha todo à mesma hora, ficando de repente sem qualquer ponto de interesse e atratividade. Como se trata de uma rua, a relação com as outras ruas é boa a todos os níveis. A rua tem poucos locais para sentar integrados no desenho, mas tem esplanadas, que colmatam esse problema. O facto de se tratar da maior rua comercial do Porto é por si só fator de triangulação e atração.

### **Caso de estudo 4 – Rua das Galerias de Paris**

A Rua das Galerias de Paris, tal como a Rua de Santa Catarina, tem principalmente comércio, com a diferença de que nesta, a hora de abertura de quase todos os seus comércio é depois do por do sol. A rua não tem habitação e também não liga pontos de interesse, como tal, as suas fachadas do rés-do-chão estão opacas a maior parte do dia. Segundo a tabela, este espaço apresenta resultados mistos, o que sugere um desequilíbrio e pouca qualidade enquanto espaço público.

### **Caso de estudo 5 – Largo do Moinho de Vento**

O Largo do Moinho de Vento, segundo a tabela de critérios, é o espaço com menos pontos positivos. Este espaço, por ter as suas frentes construídas emparedadas e opacas, não apresenta qualquer motivo de interesse para aceder. Quanto as características do interior do espaço, embora haja árvores que criam sombra, as cadeiras individuais, fixas ao solo e espalhadas aleatoriamente, torna-as desagradáveis para sentar, pois limitam a escolha e fazem com que as pessoas se sintam no centro de um espaço fora de escala. Resumidamente este é um espaço acessível, mas pouco interessante e desconfortável.

### **Caso de estudo 6 – de Mompilher**

Este espaço apresenta um resultado bastante positivo, segundo os critérios em análise. A envolvente ao largo tem programas variados e janelas para a rua, e a relação do largo com a envolvente é boa. O único ponto menos positivo são quarteirões um pouco grandes, o que aumenta as distâncias para deslocações a pé, e alguma intrusão do trânsito automóvel. O espaço não tem pontos de água, tem má triangulação e poucas árvores. No entanto, as pequenas dimensões e os espaços de restauração, com esplanadas protegidas dos elementos, conseguem minimizar esses pontos negativos. De uma forma geral, este é um espaço acessível, interessante e confortável.





Figura III - 11 - Rua de Santa Catarina, Caso de Estudo 3



Figura III - 12 - Rua das Galerias de Paris, Caso de Estudo 4



Figura III - 13 - Largo do Moinho de Vento, Caso de Estudo 5



Figura III - 14 - Largo de Mompilher, Caso de Estudo 6

### 3.2 Análise Comparada da Ocupação.

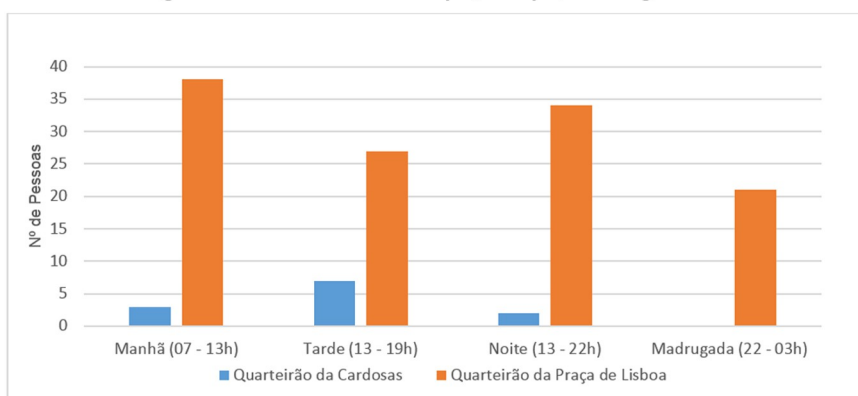
No ponto anterior foram clarificadas as características morfológicas dos diferentes espaços, assim, procede-se de seguida, à análise comparada dos padrões de ocupação que apresentam.

#### Casos de estudo 1 e 2

Os casos de seguida apresentados são o Quarteirão das Cardosas e a Praça de Lisboa. A comparação entre os dois é pertinente por serem ambas intervenções na totalidade do quarteirão, mas recorrendo a estratégias opostas. No Quarteirão das Cardosas a intervenção consiste na reabilitação das construções do limite exterior e a substituição dos logradouros, por uma praça interior. No Quarteirão da Praça de Lisboa há uma intervenção de raiz, do que resultam duas massas construídas, divididas por um espaço público.

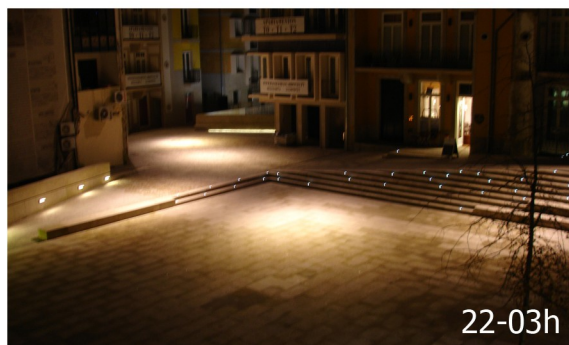
A Figura III – 15 mostra como o Quarteirão das Cardosas, com a exceção de eventuais grupos organizados, apresentou sempre um número de pessoas muito reduzido. Mesmo os grupos pontuais, tão depressa apareciam e paravam, alguns minutos, como rapidamente, desapareciam e o espaço voltava à estagnação. Como se pode ver na coluna da esquerda da Figura III- 16, durante os períodos de observação, as únicas movimentações regulares eram as dos trabalhadores da construção, de alguns dos edifícios inacabados. Na Praça de Lisboa a realidade é completamente oposta. As pessoas que percorrem as ruas envolventes olham para o interior, algumas entram e atravessam o espaço como um atalho para o outro lado do quarteirão, outras entram e param a olhar as montras, a descansar nas esplanadas, ou a comer nos espaços de restauração. A coluna da direita da Figura III- 16 mostra como o espaço tem constantemente pessoas, com os mais diversos propósitos. Sente-se que a vida da cidade invadiu o espaço. Como forma de ressalva, há que salientar que ao contrário da Praça de Lisboa, que está totalmente terminada, o Quarteirão das Cardosas ainda tem algumas obras a decorrer. No entanto, este facto não impede a utilização do espaço, visto que já se encontra aberto ao público.

Figura III - 15 - Padrão de Ocupação Tipo, ao Longo do Dia





Quarteirão das Cardosas



Quarteirão da Praça de Lisboa



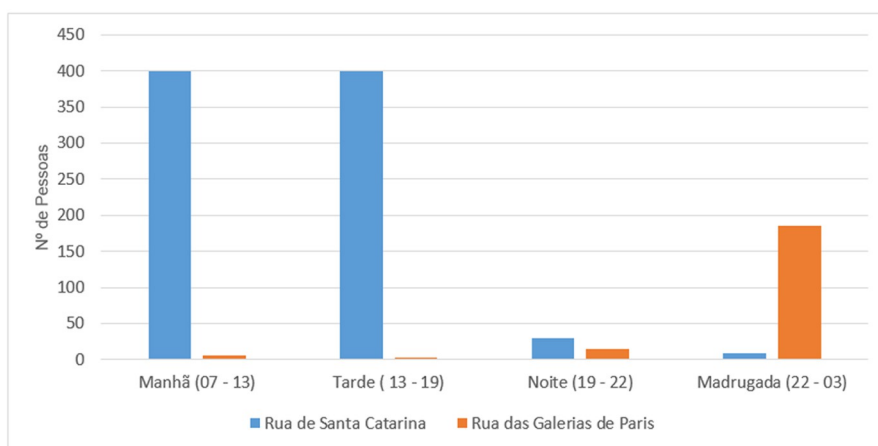
Figura III - 16 - Progressão da Ocupação ao Longo de Um Dia de Semana Tipo, no Mês de Outubro.

### Casos de estudo 3 e 4

Os casos de seguida apresentados são a Rua de Santa Catarina e a Rua das Galerias. Estes espaços são comparáveis, por se tratarem de duas ruas com trânsito condicionado e ambas apresentarem grande afluência de público. A Rua de Santa Catarina tem, principalmente, comércio e este encerra a partir das 19:30 h. A Rua das Galerias tem, maioritariamente, diversão noturna, com estabelecimentos que abrem apenas depois do anoitecer.

As ruas têm uma utilização intensiva. No entanto, como se pode verificar na Figura III – 17, há diferenças significativas nos períodos de maior utilização. Na Rua de Santa Catarina, quando o sol se levanta começam a aparecer as pessoas, ganhando, progressivamente, intensidade até meio da manhã, momento a partir do qual, o nível de ocupação estabiliza num valor muito elevado. Entre as 19h e as 20:30h o comércio da rua encerra, período em que a multidão dispersa, ficando a rua reduzida a um número de pessoas residual, tendo em conta a sua extensão. Na Rua das Galerias, o padrão de ocupação é inverso ao da Rua de Santa Catarina. Durante o dia é utilizada por algumas pessoas que passam, algumas que vão aos poucos comércios abertos, e as que fazem entregas e abastecimentos. Como mostra a Figura III – 18, com o cair da noite, os bares começam a abrir e o número de pessoas lentamente a aumentar, mas só a partir das 22 h, depois da hora de jantar, é que se verifica um uso intensivo, com bares apinhados e a rua, literalmente, cheia de pessoas que bebem e convivem. Este padrão prolonga-se pela madrugada, mas de manhã já todos desapareceram.

Figura III - 17 - Padrão de Ocupação Tipo, ao Longo do Dia





Rua de Santa Catarina



Rua das Galerias de Paris

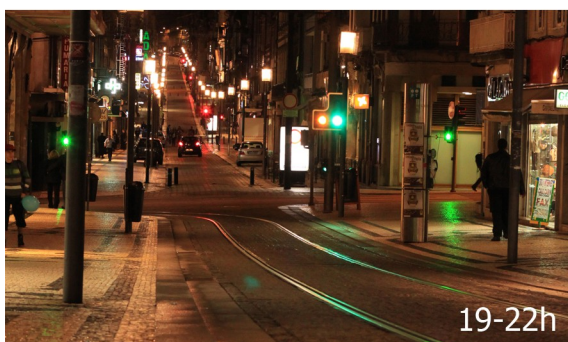


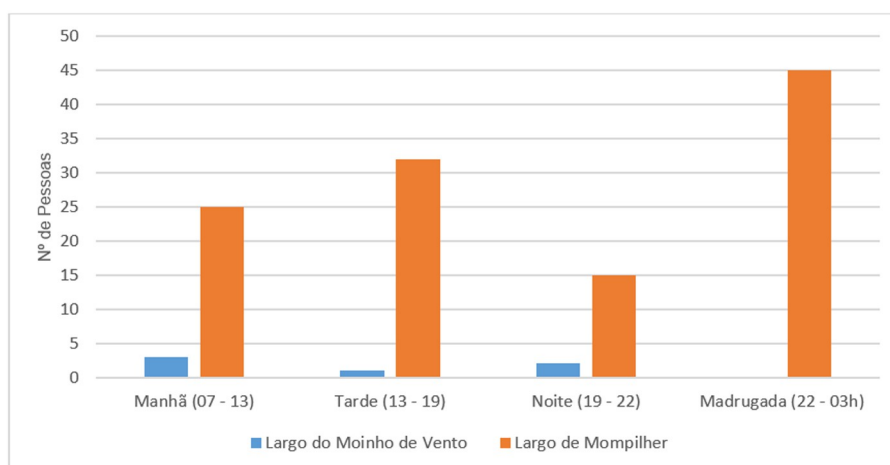
Figura III - 18 - Progressão da Ocupação ao Longo de Um Dia de Semana Tipo, no Mês de Outubro.

### Casos de estudo 5 e 6

Os casos de seguida apresentados são o Largo do Moinho de Vento e o Largo de Mompilher. Estes espaços são comparados por terem dimensões semelhantes, assim como, o mesmo tipo de relação com a rua. No Largo de Mompilher encontram-se esplanadas com cadeiras móveis, que permitem escolha. O Largo do Moinho de Vento é composto por algumas árvores e cadeiras fixas, impossibilitando a escolha.

Embora estes espaços sejam, aparentemente, os mais semelhantes do ponto de vista formal, a sua ocupação como se vê na Figura III – 19, é claramente distinta. O Largo de Mompilher é utilizado durante todo o dia, desde as primeiras horas da manhã, até ao início da madrugada. Durante este período, existem alguns momentos com grande acumulação de pessoas, fruto, principalmente, da presença de uma escola. Com o encerramento dos bares, por volta das 2h, o espaço esvazia. O Largo do Moinho de Vento, embora tenha 50% do seu perímetro relacionado com a rua, como se vê na Figura III – 20, encontra-se permanentemente vazio, sendo as únicas exceções, o eventual idoso que se senta (normalmente sozinho), ou a organização de eventos pontuais.

Figura III - 19 - Padrão de Ocupação Tipo, ao Longo do Dia





Largo do Moinho de Vento



Largo de Mompilher



Figura III - 20 - Progressão da Ocupação ao Longo de Um Dia de Semana Tipo, no Mês de Outubro.





## **CAPÍTULO IV – ANÁLISE DE RESULTADOS**

4.1 Análise dos Resultados do estudo Morfológico

4.2 Análise dos Resultados do estudo Comparado da Ocupação

4.3 Discussão de Resultados



## **CAPÍTULO IV – ANÁLISE E DISCUÇÃO DE RESULTADOS**

### **4.1 Análise dos Resultados do estudo Morfológico**

Existem muitos tipos de espaços públicos e como se pode constatar pela amostra apresentada, é difícil compara-los de forma direta e com os mesmos critérios. Segundo a lista de verificação apresentada nesta proposta, nenhum dos espaços atinge o pleno de “bom”, sendo a Praça de Lisboa a que mais aproxima, seguida do Largo de Mompilher.

O Quarteirão das Cardosas (CE1) apresenta bastantes problemas, mas o principal é o isolamento em relação à envolvente próxima que é bastante ativa. Com entradas estreitas e que escondem o interior.

A Praça de Lisboa (CE2) é o espaço que apresenta melhores resultados. Embora este espaço apresente alguns pontos negativos, está tão bem integrado numa envolvente rica, que é quase impossível não sentir vontade de o explorar.

As ruas de Santa Catarina (CE3) e das Galerias de Paris apresentam os mesmos problemas, embora de forma ligeiramente distinta. Ambos os espaços têm programas atrativos e variados, bem como uma boa integração com a envolvente. O problema que partilham é que têm períodos do dia em que todos os seus programas atrativos estão encerrados.

O Largo do Moinho de Vento está muito bem integrado na envolvente. O problema é que a própria envolvente tem problemas, como a baixa densidade e paredes opacas e desinteressantes. O interior do largo também não é adequado. O espaço interior é descontrolado e particularmente a escolha do mobiliário urbano (cadeiras individuais fixas) e caixotes do lixo como elementos dominantes é desadequada, tornando o espaço desagradável.

O Largo de Mompilher é, à primeira vista muito semelhante ao Largo do Moinho de Vento. Mas, quando avaliado pelos critérios aqui apresentados, os resultados são bastantes distintos. O Largo de Mompilher tem programas atrativos, numa envolvente com boa densidade de habitantes e de construções. Quase todo o espaço é preenchido com as mais diversas oportunidades para sentar, em particular, esplanadas com proteção contra os elementos climatéricos.

## **4.2 Análise dos Resultados**

Da análise da ocupação dos espaços, pode-se concluir que os espaços comparados apresentam níveis de ocupação consistentemente distintos.

Nos casos de estudo 1 e 2, no que diz respeito ao espaço público, a estratégia de intervenção é claramente distinta, com o Quarteirão das Cardosas a separar o espaço das ruas envolventes, abrindo apenas entradas pontuais, e a Praça de Lisboa a relacionar-se diretamente com as ruas. A ocupação do espaço apresenta também valores distintos, com a primeira quase sempre vazia, e a segunda quase sempre povoada. Neste caso o tipo de relação com a rua parece ser o principal fator diferenciador do padrão da ocupação.

Nos casos de estudo 3 e 4, ambas as ruas são intensamente utilizadas, mas ambas têm também períodos de muito pouca utilização, sendo estes os casos em que se verifica a maior variação de público ao longo das 24h do dia. Ambas as ruas têm misturas de tipos de comércio. O principal problema é que, em cada uma delas, os horários de funcionamento dos respetivos comércios são muito semelhantes, provocando picos de utilização e principalmente picos de vazio.

Os casos de estudo 5 e 6 são, aparentemente, os mais paradoxais, pois sendo formalmente semelhantes, apresentam padrões de ocupação muito distintos. O Largo de Mompilher pode considerar-se um caso de sucesso e o Largo do Moinho de Vento de claro insucesso. A principal diferença entre estes espaços é a atratividade. As fachadas dos edifícios fisicamente relacionadas com o Largo do Moinho de Vento estão emparedadas, não havendo qualquer motivo para atravessá-lo, para além disto, o mobiliário urbano é desadequado, não convida a sentar e permanecer.

### 4.3 Discussão de Resultados

Do cruzamento de dados entre a análise morfológica e a análise da ocupação, é possível constatar, que os espaços que apresentaram melhores resultados na ocupação são também os que apresentam melhores resultados na análise morfológica. A Praça de Lisboa e o Largo de Mompilher têm a maioria dos critérios de avaliação morfológica classificados como bom, e são também os que apresentam melhores e mais estáveis níveis de ocupação ao longo do dia.

O Largo Do Moinho de Vento e o Quarteirão das Cardosas são os espaços que apresentam piores resultados na análise morfológica e também na análise de ocupação, estando na maior parte do tempo vazios, ou quase. O Quarteirão das Cardosas combina uma má integração na envolvente, com uma deficiente qualidade do espaço interior. Já o Largo do Moinho de Vento conjuga um espaço interior desagradável, com uma envolvente com poucos Habitantes e comércio.

As ruas de Santa Catarina e das Galerias de Paris têm que ser avaliadas com alguma reserva. Por se tratarem de ruas, a sua função principal não é a permanência, é a circulação, e como tal, a sua relação com a envolvente é naturalmente boa. No entanto na análise morfológica apresentam uma distribuição de resultados intermédia, o que induz a ideia de que têm características boas, mas também problemas sérios. Este dado é confirmado na análise da ocupação. Ambas as ruas têm picos com muita afluência, e picos em que estão quase vazias, coincidentes, em grande parte, com os horários de encerramento e abertura dos comércios. Ao nível morfológico, ambas as ruas têm variedade de programas, mas não têm variedade de Horários, intercalando períodos muito atrativos e diversificados, com períodos em que está tudo encerrado.

Os resultados obtidos nesta análise de casos corroboram com os do estudo “The Street Life Project” de William H. Whyte. Estes resultados sugerem que, para estes espaços, existe uma relação de causa / efeito entre as características morfológicas e os padrões de ocupação. Os espaços com melhores resultados na análise morfológica são os que têm melhores padrões de ocupação. Os espaços que têm piores resultados na análise morfológica, apresentam os piores resultados de ocupação. Nos casos em que há um critério morfológico variável, existe uma variação correspondente na análise da ocupação.



## **CAPÍTULO V – PROPOSTA DE PROJETO**





## CAPÍTULO V – PROPOSTA DE PROJETO

No seguimento do estudo desenvolvido nos capítulos anteriores é de seguida proposto um projeto de intervenção para o Quarteirão das Camélias e a sua envolvente, na zona da Batalha. O trabalho será apresentado do geral para o particular, encontrando paralelo com a abordagem normal a qualquer proposta de projeto, e refletindo a ordem cronológica de elaboração do próprio trabalho de projeto. Esta estrutura de apresentação permite sistematizar a teoria apresentada anteriormente, sem nunca perder de vista que os temas são indissociáveis uns dos outros e, como a própria cidade, devem funcionar em rede, sob pena de não funcionarem de todo.

O principal **objetivo** da proposta de projeto é **atrair** novos moradores para a zona, procurando ativa-la ao nível social e, para que isto seja possível, a **estratégia** passa por melhorar a **qualidade do espaço público**, por reabilitar algumas das habitações existentes e por acrescentar novas construções. Esta estratégia baseia-se nos princípios genéricos de Jacobs, de cuidado com a qualidade do espaço público, em particular, a qualidade das ruas, a alta densidade construtiva e mistura de programas, assim como de edifícios com idades distintas, para que a cidade fique mais segura e agradável. A operacionalização da estratégia, isto é, as ferramentas para atingir esse espaço público de qualidade são derivadas de toda a investigação anteriormente apresentada sobre a **ativação social de zonas degradadas da cidade**.



Figura V- 01- Planta de Localização - Centro Histórico do Porto, Quarteirão das Camélias

A zona envolvente ao Quarteirão das Camélias contém características muito particulares que, à primeira vista, são bastante atrativas para a fixação de novos moradores. No entanto, esta área partilha dos problemas de falta de moradores, do restante Centro Histórico do Porto. O quarteirão encontra-se no limite exterior à área que delimita a zona de Património da Humanidade, correspondendo, aproximadamente, à antiga Muralha Fernandina. O limite norte é feito pela Rua Alexandre Herculano e a praça da Batalha, a poente, pela Rua Augusto Rosa, que segue a linha de perímetro da antiga muralha, e a sul e nascente, o quarteirão é delimitado pelo viaduto e pela Rua Duque de Loulé, com vista sobre o Douro e as margens de Vila Nova de Gaia. Para além de se encontrar próximo do centro e estar rodeado de monumentos, o quarteirão é ainda servido por uma infraestrutura de transportes notável. A estação intermodal de S. Bento está a 5 minutos a pé. A Rua Duque de Loulé distribui para o centro e para a zona de Campanhã. A ponte do Infante permite a ligação com Gaia e à rede nacional de autoestradas.

Apesar das vantagens referidas, das quais há que tirar partido, pode dizer-se, em síntese, que os principais problemas da envolvente ao Quarteirão das Camélias são os seguintes: do ponto de vista social, a baixa densidade de população, sendo a que persiste, de baixos recursos e faixa etária avançada; ao nível do edificado, como se pode ver nas Figuras V – 02 e 03, o elevado número de lotes em avançado estado de degradação, em que os rés-do-chão são ocupados por pequenos comércios, oficinas ou serviços e os pisos superiores estão abandonados; ao nível da morfologia urbana, como está representado esquematicamente na Figura V – 04, o viaduto Duque de Loulé rompe, abruptamente, a malha de ligação entre o bairro das Fontainhas, o dos Guindais e a área em estudo; a presença do estacionamento de autocarros no interior do quarteirão provoca uma grande pressão automóvel, Figuras V – 03, causando constrangimentos rodoviários e de segurança para peões, numa importante zona pedonal.



Figura V- 02 e 03 - Vistas de Rua do Quarteirão das Camélias



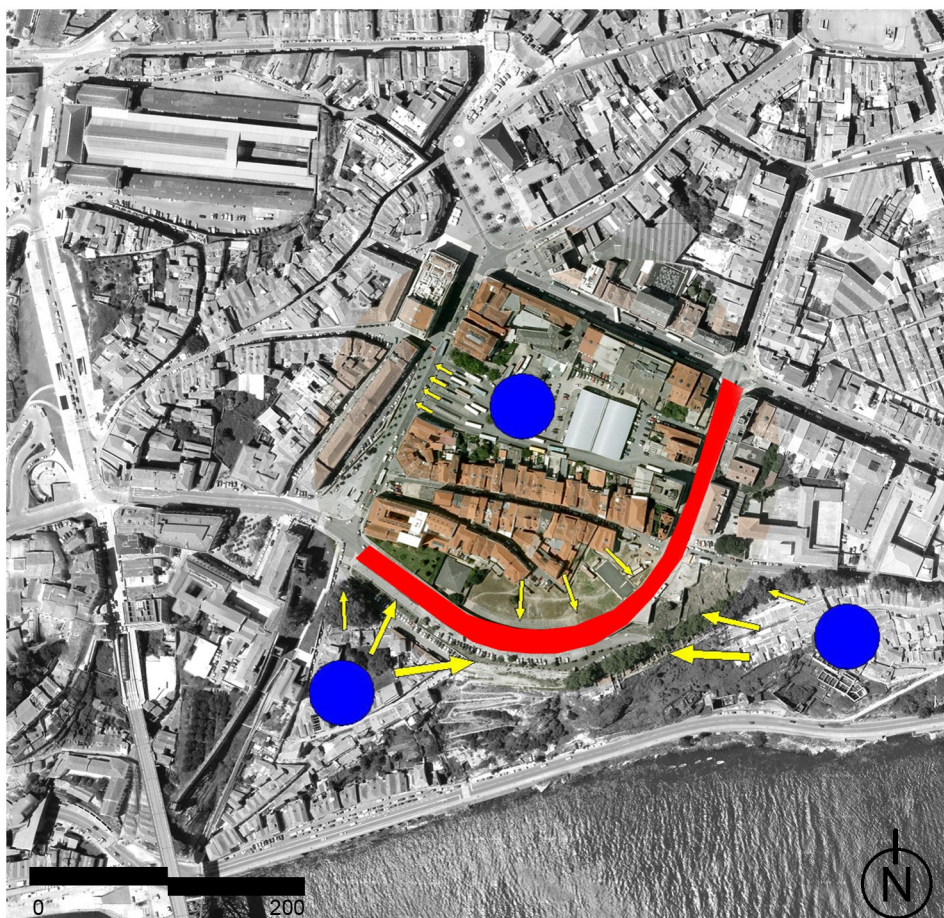


Figura V- 04 - Planta de Implantação do Quarteirão das Camélias

A proposta de intervenção urbana pretende dirigir-se diretamente às questões referidas, criando condições de segurança e atratividade que possibilitem que novos moradores, “city user’s” e turistas procurem este espaço. A proposta tem ainda em vista o reforço da rede social informal, através de uma estratégia que consiste em quatro pontos principais, Figura V - 05: O reforço das ligações entre os bairros; A adaptação dos perfis das ruas da envolvente; A criação de um jardim urbano; O aumento da oferta de habitações adaptadas à vida contemporânea.

Para unificar todo o perímetro da intervenção, é utilizada uma estratégia em rede que começa por tentar diminuir o impacto do viaduto Duque de Loulé e do seu efeito ostracizante sobre os bairros das Fontainhas e Guindais. Para que tal aconteça, o Passeio das Fontainhas é ligado à Rua São Luís, ao Largo Actor Dias e ao Jardim das Camélias através de um novo percurso pedonal.

Os pavimentos das ruas do limite da proposta são uniformizados, para que a envolvente ao quarteirão se torne mais amigável à circulação a pé. As ruas interiores passam a ser de espaço partilhado (com igual prioridade entre peões e automóveis), chamando as pessoas a viver mais no exterior e estimulando as interações entre vizinhos. O perfil nas ruas principais sofre também intervenções pontuais, com o objetivo de torná-las mais seguras e agradáveis.

A envolvente ao Quarteirão está rodeada de edifícios notáveis e pontos de interesse. No entanto, este quarteirão parece atuar como charneira de duas zonas com ambientes e utilizações bastante distintas entre si e cuja transição não acontece de forma progressiva. Esta bipolaridade deve-se, em grande parte, à forte pressão automóvel na área. A proposta procura colmatar este problema tirando partido da própria envolvente. No interior do Quarteirão das Camélias, o interface de autocarros é substituído por uma rua e um jardim urbano, o que elimina um foco de pressão automóvel e cria um espaço de lazer, animação e interesse no local, para além de ligar a zona da Batalha à da escola primária da Sé, harmonizando as duas realidades e trazendo mais vida à Rua Duque de Loulé.

As intervenções no espaço público, referidas anteriormente, procuram colmatar alguns problemas da zona de intervenção, mas para se articularem devidamente, são complementadas com construções que ajudam a enquadrar e rematar toda a intervenção. As construções cumprem ainda as funções de diversificar a oferta de programas, dar escala às intervenções no espaço e dinamizar o mercado da habitação, sem os constrangimentos inerentes às reabilitações. O aumento da oferta de habitação e de programas de apoio de desporto, cultura e lazer, permitirão atrair um leque alargado de potenciais residentes, bem como de pessoas que usufruirão dos espaços, o que permitirá a formação de uma massa crítica e fluxo de pessoas que ativarão socialmente a área.



Figura V- 05 - Proposta Urbana

A proposta de projeto obedece, para a envolvente do Quarteirão das Camélias, à estratégia geral enunciada mas, por imposição do programa da disciplina de projeto, foca-se na área do interior do Quarteirão das Camélias. Para simplificar o entendimento da proposta, a apresentação é dividida em três partes, em que as duas primeiras, a zona a baixo do viaduto Duque de Loulé e as ruas da envolvente ao quarteirão, são apresentadas de forma mais superficial e, a proposta para o interior do quarteirão é apresentada com maior pormenor.

A área mais a sul da proposta apresenta um problema em si só. O viaduto cria uma divisão que autonomiza o espaço a sul, da zona mais a norte, resultando num conjunto de momentos desarticulados entre si. A Rua de São Luís e o passeio das Fontainhas terminam ambas em becos sem saída, uma com pouco mais que as traseiras dos edifícios envolventes, a outra com uma parede cega de um estacionamento privado e com vistas sobre o Douro apenas aproveitadas para estacionamento de carros e o eventual morador das Fontainhas de regresso a casa.

Na revisão teórica verificou-se que o principal fator de sucesso de um espaço é a sua integração com a rua, a integração na vida e nos fluxos de pessoas da cidade. Para além disso, o espaço deve ser agradável, confortável e ter pontos de interesse e atração. Desta forma, como se pode ver na Figura V – 06, a proposta para a zona sul passa pela ligação à parte norte e pelo embelezamento do Passeio das Fontainhas, lembrando a ideia original do passeio do século XIX.

O Passeio das Fontainhas é redesenhado como uma alameda para passeios de fim-de-semana, que liga o Largo Actor Dias, a Rua de S. Luís e o Quarteirão das Camélias à zona mais oriental, próximo do Colégio dos Salesianos do Porto. A Rua S. Luís, para além de ser ligada ao Passeio das Fontainhas, devido ao seu calibre, sofre uma alteração de perfil, tornando-se um espaço partilhado. O estacionamento do viaduto Duque de Loulé é mantido e redesenhado, de forma a ter maior qualidade visual e permitir que se torne convidativo para quem está próximo do Largo Actor Dias, Figuras V – 08. No ponto de charneira entre as ruas, Figuras V – 07, é proposto um bar com esplanada que tira partido das vistas do Douro e serve de ativador social das ruas, quer por ser um elemento notável que pontua o espaço, quer por ter comida e onde sentar confortavelmente. A circulação automóvel é permitida mas condicionada pela própria configuração do espaço, para que a sua afluência seja moderada. Este gesto elimina dois becos sem saída e, ao possibilitar o atravessamento de pessoas e automóveis, induz o aparecimento de mais “olhos na rua”.

Todas as intervenções nas ruas envolventes à proposta têm como objetivo aumentar a atratividade para vários públicos-alvo, pelo que, mesmo aplicando medidas de "traffic calming" ou espaço partilhado, o automóvel nunca é retirado. O desenho urbano procura equilibrar a prioridade na utilização do espaço, tornando-o mais acessível e confortável para todos os utilizadores. Quantas mais pessoas com objetivos diferentes e a diferentes horas do dia estiverem nas ruas, mais seguras elas serão para todos. A regulação não é imposta apenas por elementos da autoridade, cria-se um efeito de auto-regulação social, exercido de forma invisível e natural pelas próprias pessoas que frequentam as ruas, que até certo ponto, se apropriam delas.



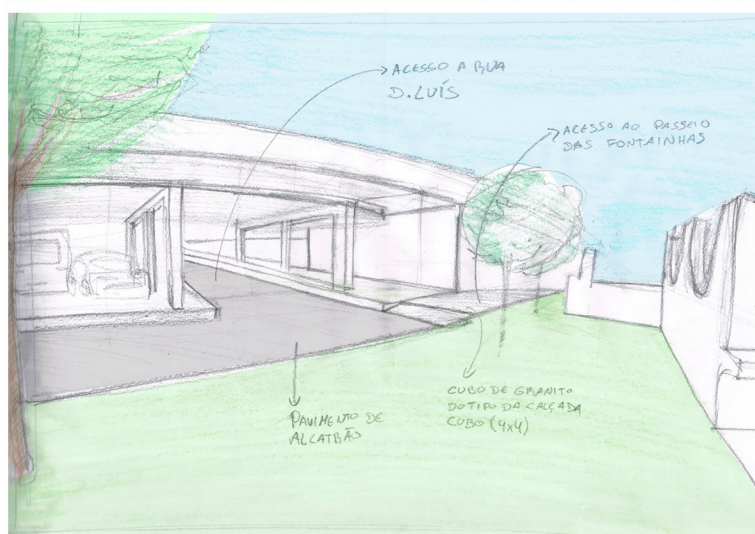
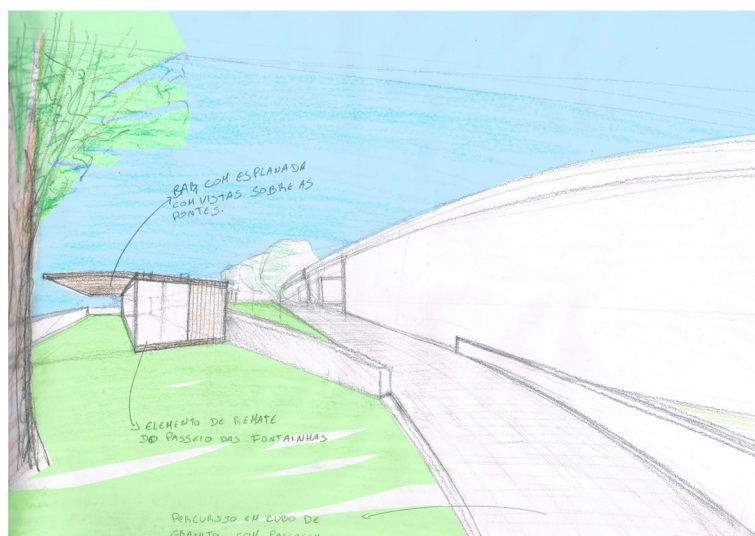
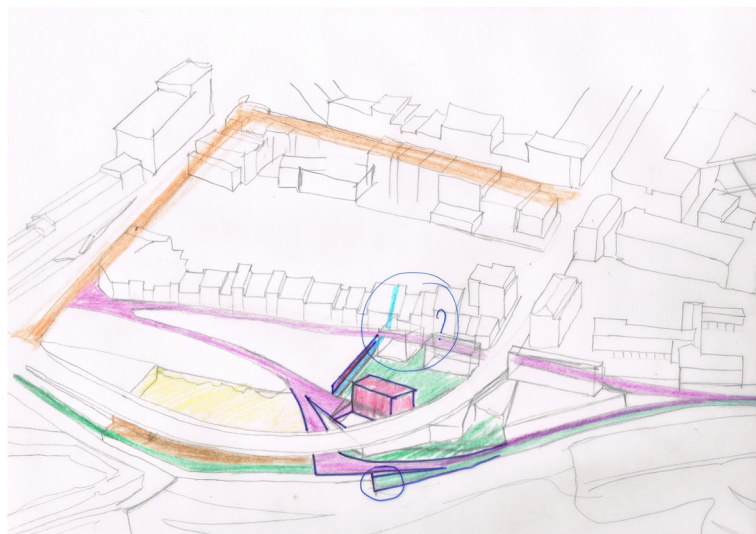


Figura V- 06, 07 e 08 - Proposta Urbana, Área a Sul



Figura V- 09 - Proposta Urbana, Área a Sul, Sob o Viaduto

**A Rua Alexandre Herculano** dá acesso automóvel a toda a zona da Batalha, podendo-se salientar a presença de uma praça de táxis e de uma central de camionagem da Rede Expresso, com ligações inter-regionais, ambas exercem pressão automóvel sobre o local, mas garantem uma afluência constante de pessoas, o que é um ponto bastante positivo. De uma forma geral, a vivência da rua é positiva. No horário normal de trabalho, existe sempre um fluxo de pessoas que coabitam sendo as relações sociais impessoais e o número de pessoas na rua nunca permite que haja um grande sentimento de insegurança. A partir das dezanove horas, o carácter da rua altera-se, todos os serviços fecham e as pessoas desaparecem, sobrando uma sensação de aridez e de exagero da escala.

Na Rua A. Herculano, as alterações ao desenho do perfil da rua passam pela eliminação da faixa de estacionamento a sul e o aumento do passeio norte para 6 m. Isto permite desafogar os passeios, dando espaço suficiente para a convivência das pessoas que esperam os autocarros e as que circulam nos mesmos. Os atravessamentos para peões são sobre-elevados até a cota dos passeios, o que dá uma maior acessibilidade a utentes com mobilidade condicionada e permite diminuir a velocidade dos automóveis. Os lugares de estacionamento dos autocarros devem ficar separados, evitando que estes formem uma barreira visual, contínua, de um lado para o outro da rua.

**A Rua Duque de Loulé** liga a Rua Saraiva de Carvalho à Rua Rodrigues de Freitas e é uma das saídas do centro para a zona nascente, albergando um volume de tráfego assinalável. No troço do viaduto, embora haja passeios, quase não passam pessoas e partir do final do viaduto e até ao cruzamento com a Rua A. Herculano existem poucos motivos de interesse e abundam fachadas opacas no piso térreo. A Rua Duque de Loulé é uma das que apresenta mais problemas de vitalidade. O conjunto de características urbanas presentes na rua fazem com que a experiência do espaço não seja muito agradável e há poucos motivos para a frequentar, o que a torna insegura.

A estratégia de intervenção na Rua Duque de Loulé tira partido da presença da escola e do novo jardim proposto. O espaço público é reconfigurado, tornando-o mais confortável para as pessoas nos passeios e através de medidas de "traffic calming", reduz-se o impacto do automóvel, impedindo que este atinja velocidades elevadas. Em toda a extensão da rua é eliminada uma faixa de rodagem, o que permite aumentar os passeios laterais e criar espaços de contemplação sobre o rio, as margens de Gaia e as pontes. No troço sobre o viaduto, o desenvolvimento da faixa de rodagem é suavemente ondulante, o que impede trajetórias em linha reta. No ponto de contacto do jardim e da nova entrada da escola com a rua, é proposta uma plataforma sobre-elevada até ao nível do passeio, o que informa os condutores que estão numa zona de atravessamento de pessoas, enquanto confere melhores condições de circulação para utentes com mobilidade condicionada.



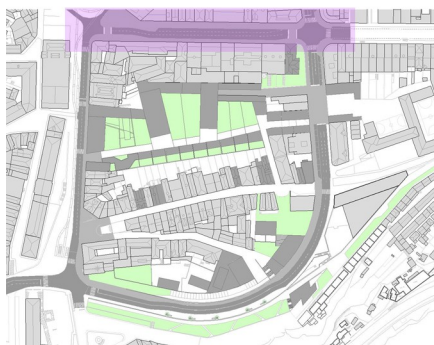


Figura V- 010 - Rua Alexandre Herculano

A intervenção nas ruas envolventes ao quarteirão representa uma melhoria para as condições de vida dos habitantes da Batalha. As ferramentas de traffic calming e espaço partilhado, assim como todo o cuidado com a qualidade do desenho das ruas, assentes nos ensinamentos de Jacobs, aumentam a segurança, o conforto e o prazer na sua utilização, o que aumenta a sua capacidade para receber novos habitantes e diferentes programas de comércio. No entanto, para que exista um verdadeiro movimento de recuperação, há que criar um elemento agregador que dê singularidade ao local, um ponto de que os habitantes se orgulhem, e que tenham prazer em usar constantemente.

No centro do “Bairro das Camélias” propõe-se um jardim urbano, rodeado de novas construções, e apoiado por programas variados, pertinentes para o saudável funcionamento do bairro. A diversidade de programas atrairá uma multiplicidade de públicos a horas distintas, havendo sempre vida nas ruas, “fazendo lugar”.

O quarteirão é dividido e, no seu interior, é implantada uma nova rua e o Jardim as Camélias. Este gesto, em conjunto com o espaço proposto para a entrada da escola primária, permite criar um efeito de centralidade apoiado no cruzamento de atividades no interior do conjunto. Deste gesto resultam dois quarteirões mais pequenos, que permitem a existência de mais oportunidades de cruzamentos e encontros de pessoas na rua, e diminui o efeito de monotonia das grandes quadras. O novo eixo, no sentido nascente/poente, permite relacionar a escola primária com a zona da Batalha e cria um novo atravessamento qualificado, aumentando o número de utilizadores da Rua Duque de Loulé. O novo espaço público suporta, nas suas frentes, novas construções e estas podem atrair públicos e programas específicos, sem os condicionamentos de uma reabilitação. O novo jardim é um espaço agradável e seguro para as crianças brincarem que, no entanto, está ligado à rede da cidade, ajudando as crianças a lidarem com os desafios de crescer em ambiente urbano.

O Jardim das Camélias é composto por três espaços especializados divididos pelos temas: descanso, desporto e cultura, todos eles “banhados” por uma rua que lhes dá acesso, visibilidade e os integra na rede urbana. As novas construções voltam-se para a rua e também para o jardim, envolvendo e dando escala aos espaços, para além de proporcionarem programas de proximidade nos seus pisos térreos, que ajudam a consolidar o local.

Os programas de apoio propostos são uma creche, um lar de idosos, um pavilhão desportivo e um espaço de estudos e-learning. Adicionalmente, propõe-se espaços disponíveis para comércio, restauração e diferentes tipos de habitação, o que propicia a uma densidade de habitantes elevada. A qualquer hora do dia haverão pessoas a entrar e sair de suas casas, a levar os filhos à escola, a visitar os seus pais no lar de idosos, ou a entrar para o pavilhão desportivo.

Até aqui, a proposta segue as principais características, de integração com a rua e densidade de programas, identificadas no estudo TSLP, mas, para que o jardim seja realmente um espaço de sucesso, White apresentou também, princípios orientadores do próprio desenho do espaço. No interior do jardim, encontra-se espaço para sentar e usufruir de uma sombra, para uma pausa de almoço, ou ouvir o som da água, que abafa os sons da cidade. Os mais novos encontram espaço para rolar os seus skates e bicicletas, ou simplesmente para fazer exercício.

A intervenção articula de forma sistemática as potencialidades da envolvente, e complementa-as com um conjunto de mais-valias que, reunidas, criam um bairro revitalizado, seguro e atrativo, potenciando um repovoamento da zona da Batalha, e lança pistas para uma estratégia de recuperação de todo o centro histórico.

## CAPÍTULO VI – CONCLUSÃO





## **CAPÍTULO VI – CONCLUSÃO**

A elaboração deste trabalho, desde a revisão bibliográfica, até aos resultados do estudo de casos, sugere que existe uma qualidade social inerente as diferentes morfologias que o espaço pode assumir. Os dados expostos neste trabalho sugerem a ideia de que é possível prever, com algum rigor, as consequências no tipo e grau de socialização que as formas do desenho do espaço vão provocar. As pessoas reagem de forma semelhante e consistente quando sujeitas ao mesmo tipo de estímulos. Os comportamentos das pessoas são transversais na maior parte do mundo, sendo o principal fator de influência o tamanho da cidade. Há mais semelhança entre o comportamento de um americano e um japonês, numa praça de uma grande cidade, do que o de dois americanos em cidades de dimensões e densidades distintas.

Os objetivos que se pretende atingir com este trabalho são alcançados quase plenamente. A estratégia de revitalização de zonas decadentes da cidade, através da intervenção no espaço público, baseada nas investigações de Whyte e Jacobs, conseguida.

O estudo de casos, desenvolvido em seis espaços públicos da cidade do Porto, permitiu corroborar as ideias propostas na sistematização dos parâmetros de intervenção, corroborando a ideia da influência do desenho na socialização.

A proposta de projeto desenvolvida, nas disciplinas de projeto III e IV, como exemplo da aplicação das ideias preconizadas neste estudo, consegue fazer uma aplicação plena dos parâmetros. O resultado final poderá, eventualmente, ser classificado como tendo pouca qualidade arquitetónica, mas, ao ter sido desenvolvida com estas ideias em mente, aumenta as suas possibilidades de ter uma boa qualidade social e resultar num espaço de sucesso.

As questões associadas à qualidade do desenho urbano são fundamentais para o melhor planeamento das cidades de amanhã. As investigações abordadas neste trabalho, em particular, as de Jane Jacobs e William H. Whyte são fundamentais para o entendimento destas problemáticas, e começam, no atual contexto, a ser revisitadas, quer pela necessidade de gestão dos recursos energéticos e ecológicos, quer também, pela necessidade de melhor eficiência económica e social.

## BIBLIOGRAFIA

ABREU, A. Barbosa. 1981. *A Evolução da cidade do Porto e os sistemas dos transportes*, in *Revista de História*, vol. IV, Porto: Instituto de História do Porto, p. 193-202

ASCER, François. 2010. *Novos princípios do urbanismo seguido de novos compromissos urbanos um léxico*. 2ª Ed., Lisboa: Livros Horizonte.

BRANDÃO, Pedro. 2011. *O sentido da cidade: Ensaio sobre o mito da imagem como arquitectura*. Livros Horizonte.

GEHL, Jan. 1987. *Life between the buildings: Using public space*. New York: Van Nostrand Reinhold. (Versão original em dinamarquês, 1971).

GEHL, Jan, GEMZOE, Lars. 1996. *Public space, public life*, Copenhagen, 1996, 2003. Copenhagen: Danish Architectural Press.

GEHL, Jan. 2010. *Cities for people*. USA: Island Press.

GOMES, Paulo Vareal. 1995. *Arquitectura, os últimos vinte e cinco anos*. In Pereira, Paulo (dir.) - *História da arte portuguesa*. Lisboa: Circulo de Leitores.

Hillier, B., Hanson, J. 1984. *The social logic of space*. Cambridge: Cambridge University Press.

Hillier, B. 1996. *Space is the machine: A configurational theory of architecture*. Cambridge and New York: Cambridge University Press.

JACOBS, Jene. 1961. *The death and life of great American cities*. Random House.

LAMAS, José. 1992. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. 5ª Ed., Lisboa: Fundação Claust Glubenkian.

LOPES, João. 2010. *Discurso de Cidade: Lisboa Anos 80*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

LYNCH, Kevin. 1960. *A imagem da cidade*. São Paulo: Edições 70.

MUGA, Henrique. 2005. *Psicologia da arquitectura*. Vila Nova de Gaia: Edições Gailivro.

OLIVEIRA, Vítor. 2013. *A Evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto nos séculos XIX e XX*. Porto: Universidade do Porto.

PORTAS, Nuno, DOMINGUES, Álvaro, CABRAL, João. 2007. *Políticas Urbanas: Tendências, estratégias e oportunidades*. 3ª Ed., Lisboa: Fundação Claust Glubenkian.

PORTAS, Nuno. 2007. *A cidade como arquitectura*. 2ª Ed., Lisboa: Livros Horizonte.

PORTAS, Nuno. 2008. *A arquitectura para hoje 1964 seguido de evolução da arquitectura moderna em Portugal 1973*. 2ª Ed., Lisboa: Livros Horizonte.

TAYLOR, Nigel. 2009. Urban planning theory since 1945. Los Angeles: Sage

WHYTE, William H. 1980. *The social life of small urban spaces*. Washington, D.C.: The Conservation Foundation.

ADKINS, Karen. Fighting Fire with Fire: Quantification of the Public Realm [referência de 05 de Agosto de 2013]. Disponível na Internet em:

<[http://www.walk21.com/charter/charter\\_papers\\_detail.asp?Paper=45&Charter=6](http://www.walk21.com/charter/charter_papers_detail.asp?Paper=45&Charter=6)>

PORTA, Sergio. Formal Indicators: Quantifying the contribution of form to urban (social) Sustainability [referência de 10 de Agosto de 2013]. Disponível na Internet em:

<<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.202.6199&rep=rep1&type=pdf>>.

SRU. Porto Vivo. Revitalização urbana e social da baixa do Porto: Master Plan, Síntese executiva [referência de 10 de Agosto de 2013]. Disponível na Internet em:

<[http://www.portovivosru.pt/pdfs/masterplan-sintese\\_executiva.pdf](http://www.portovivosru.pt/pdfs/masterplan-sintese_executiva.pdf)>

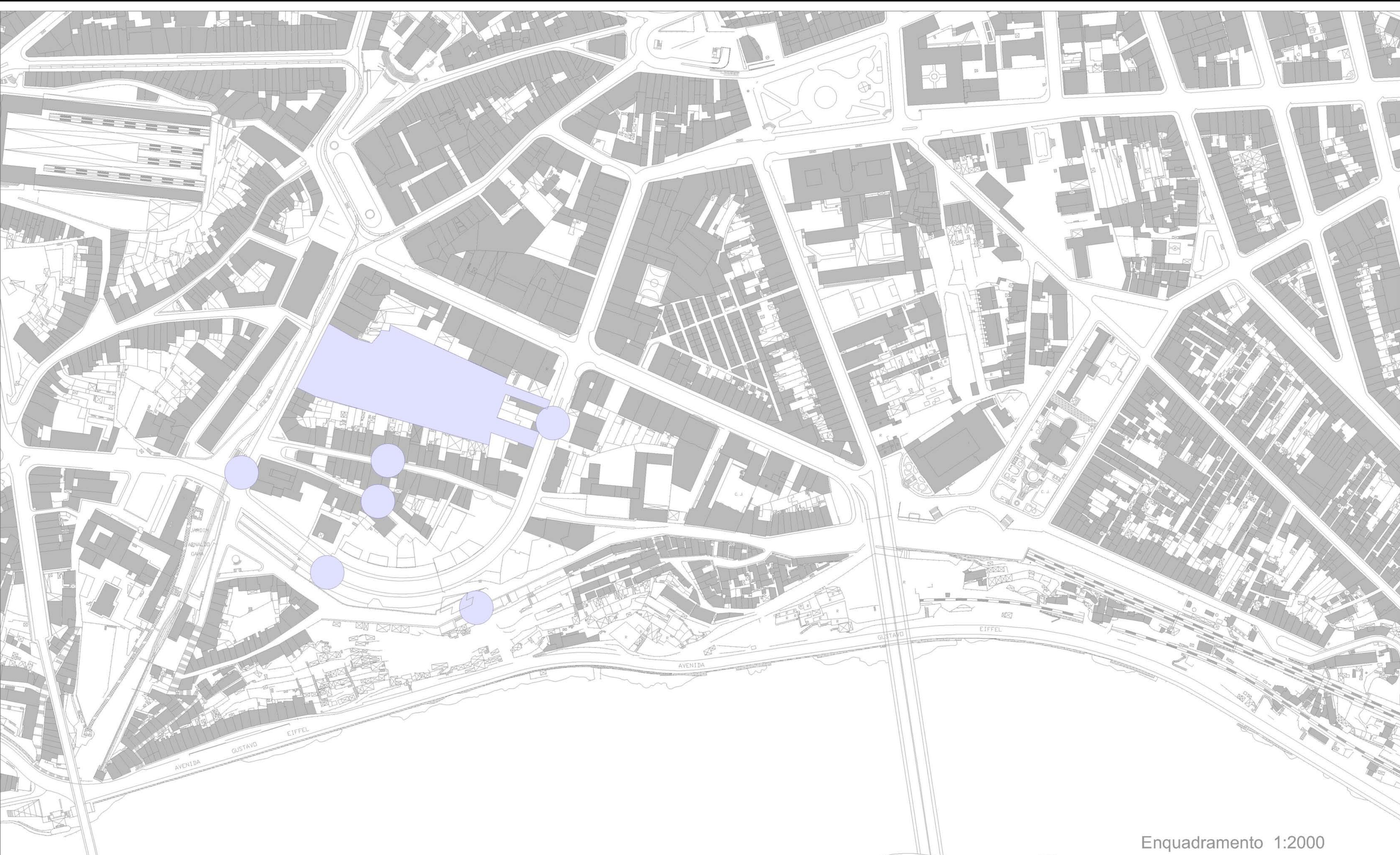
SRU. Porto Vivo. Delimitação da área de reabilitação urbana do Centro Histórico do Porto [referência de 10 de Agosto de 2013] Disponível na Internet em:

<[http://www.portovivosru.pt/pdfs/ddp/projecto\\_DEL\\_ARU\\_CHP\\_2012.pdf](http://www.portovivosru.pt/pdfs/ddp/projecto_DEL_ARU_CHP_2012.pdf)>

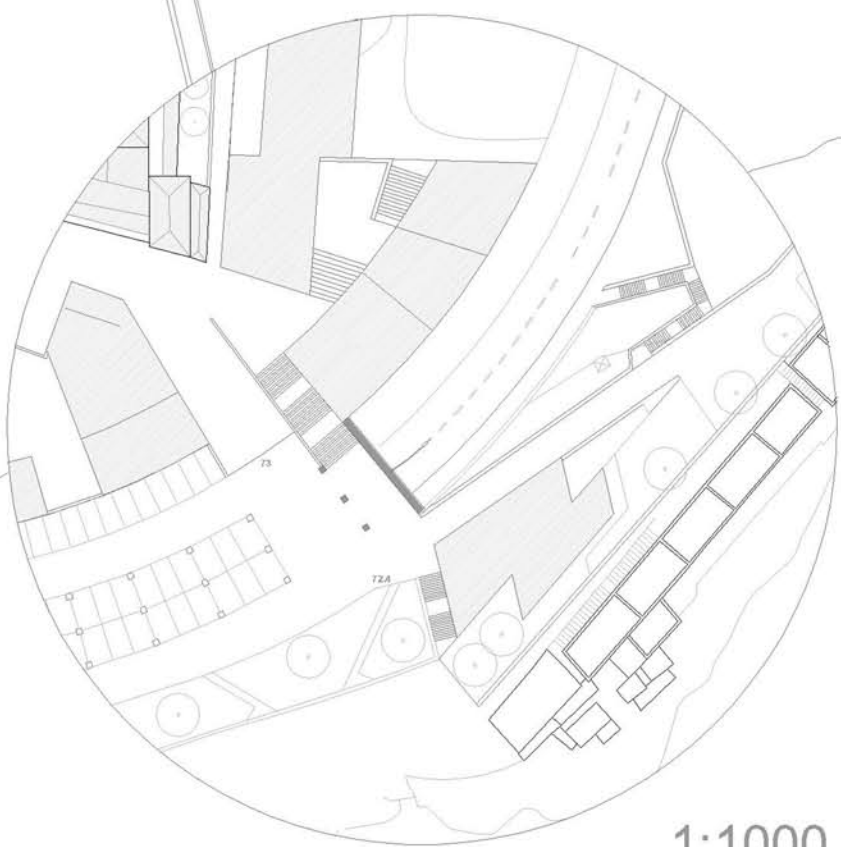
LUZ, Carla, CARVALHO, Luís. 2011. Porto 2001, dez anos depois. [referência de 10 de Agosto de 2013]. Disponível na Internet em:

<[http://www.jn.pt/Reportagens/Interior970.aspx?content\\_id=2195320](http://www.jn.pt/Reportagens/Interior970.aspx?content_id=2195320)>



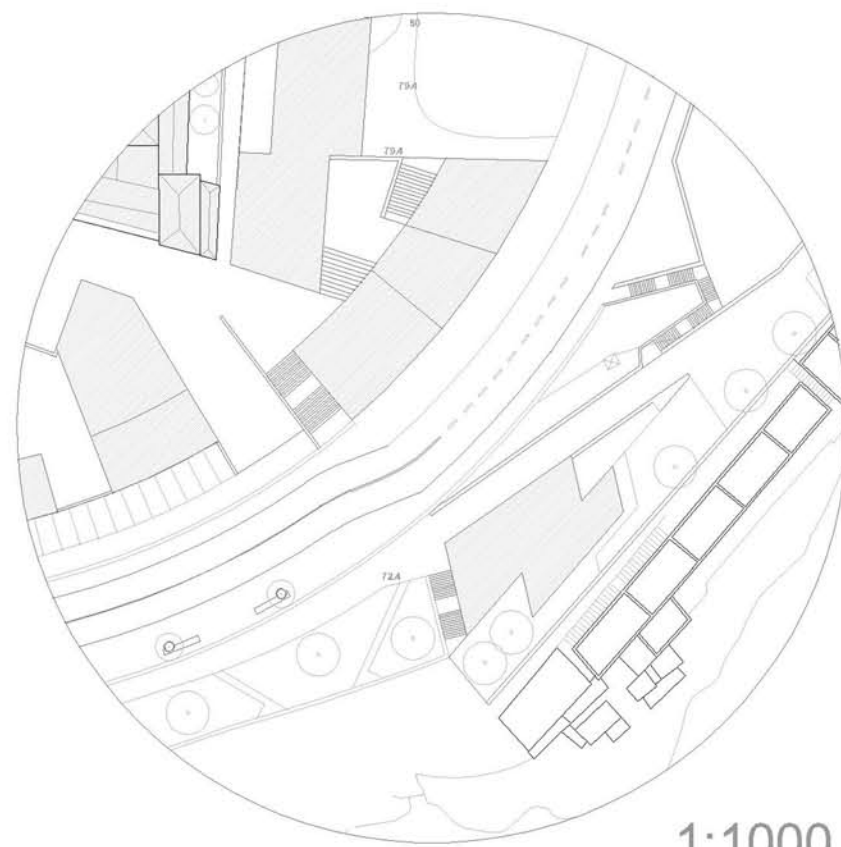


Enquadramento 1:2000



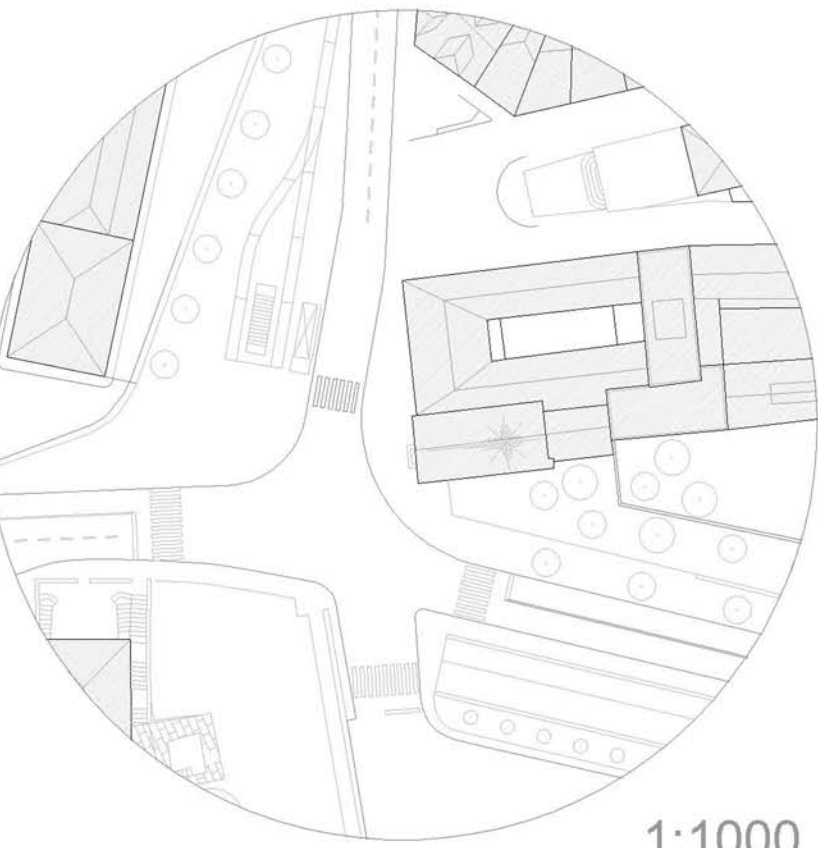
1:1000

A rua de S. Luis é ligada a alameda das Fontainha, eliminando dois espaços de estagnação. No momento da articulação entre as duas ruas, existe um bar com esplanada sobre o rio. As novas construções e o estacionamento procuram ser o mote para uma reactivação do local.



1:1000

Alteração do perfil do Viaduto Duque de Loulé para duas faixas de rodagem, o que permite criar espaços de paragem e contemplação do rio Douro.  
Remate do quarteirão com construções descontinuas, faz a transição da rua corredor e prepara para o vazio e a vista das margens de Gaia.



1:1000

Alteração do passeio e do perfil da rua, melhora o raio de viragem para transpostes públicos, e aumenta o espaço em frente a universidade, tornando o acesso mais seguro e confortável.



Mancha Intervenção 1:1000

Projecto Urbano

Enquadramento\_ Localização

Projecto III 5º ANO -Gonçalo Pires Nº 21107289

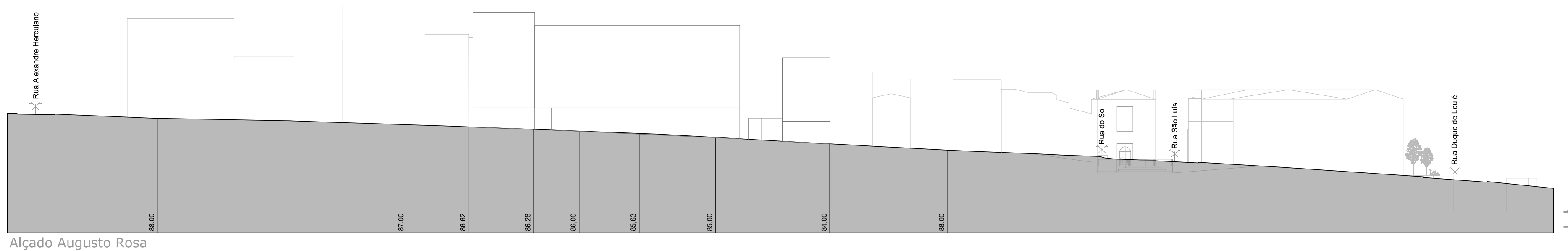
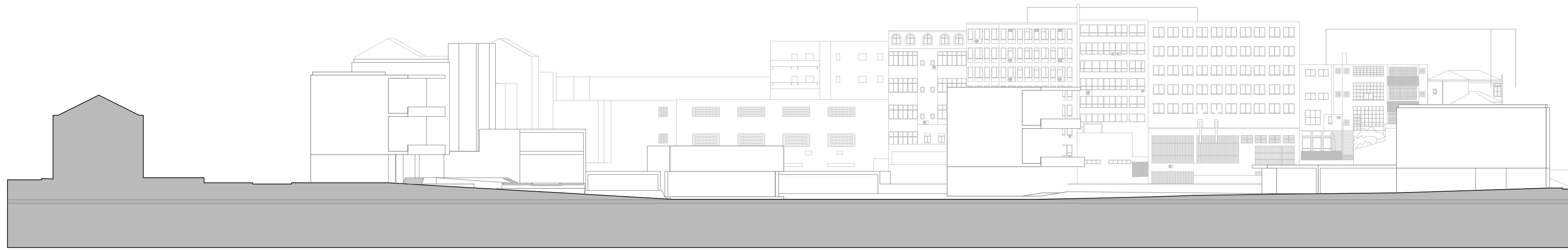




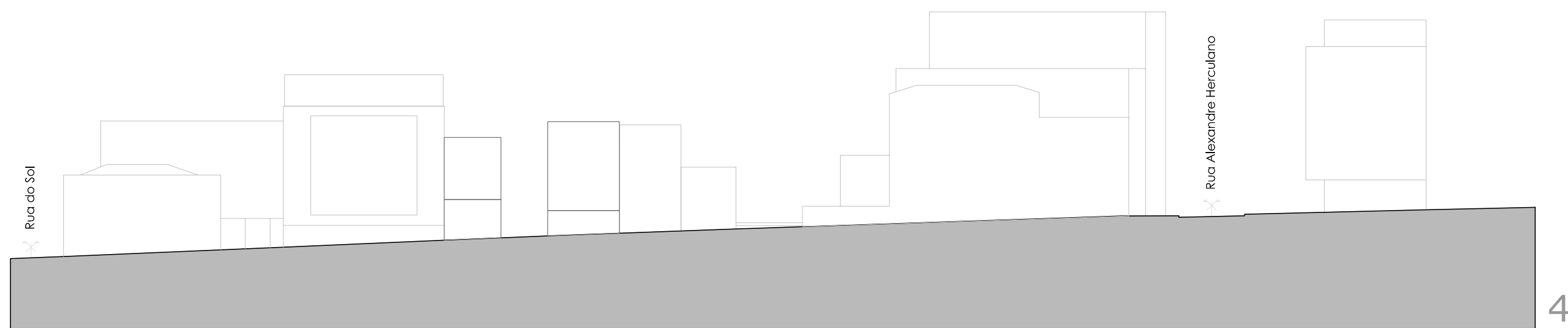


Planta 1:500

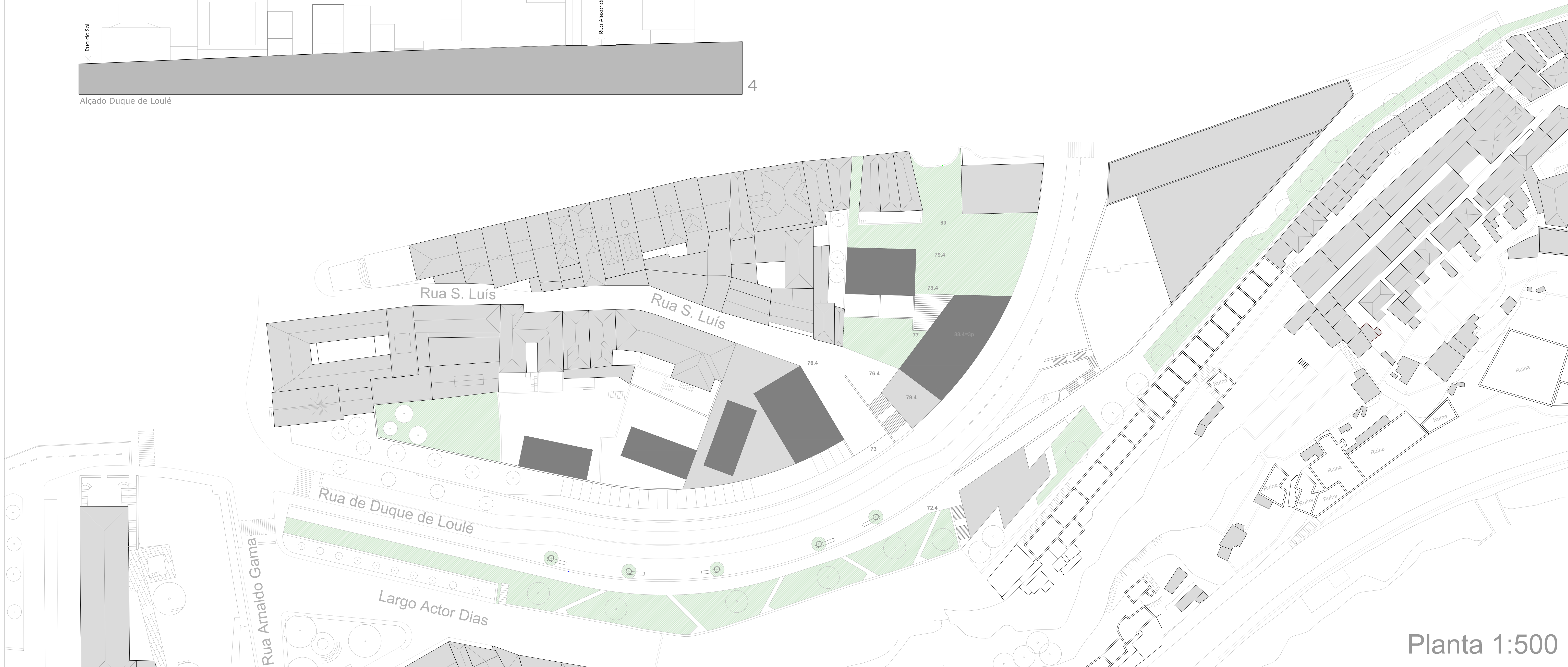




Alçado Augusto Rosa



Alçado Duque de Loulé



Planta 1:500



1'

2

do sol



Rua de Augusto Rosa

1

86.60

126.30m2

112.00m2

86.00

85.00

10.15

85.15

84.00

84.85

84.85

83.00

84.20

84.00

82.5

83.00

83.5

83.00

83.40

84.00

85.00

2'

2

Rua do sol



